

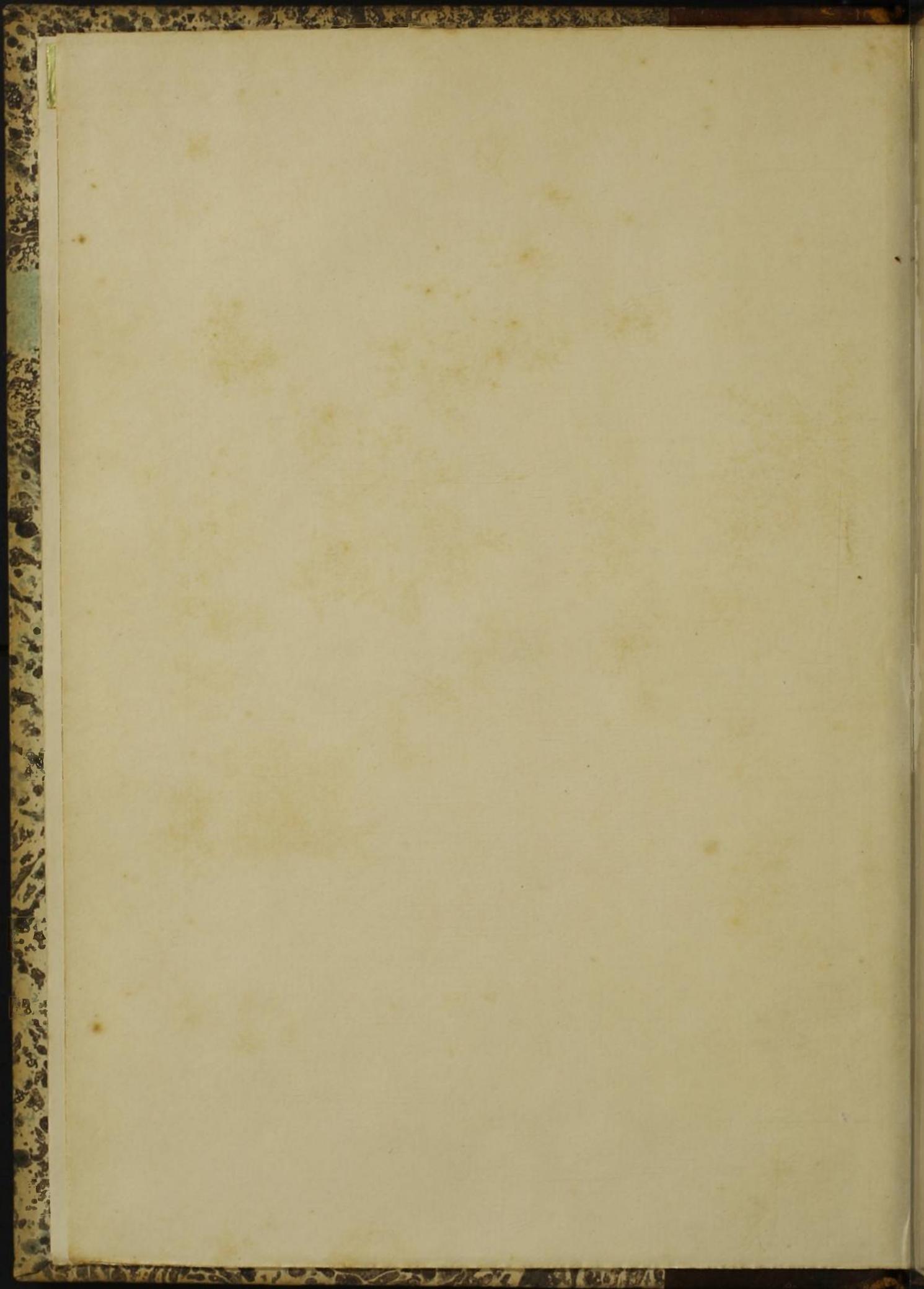
Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



ENCADERNAÇÃO
A. NARDI



ARTHUR AZEVEDO

OS NOIVOS

OPERETA DE COSTUMES EM 3 ACTOS

MUSICA DE

F. DE SÁ NORONHA

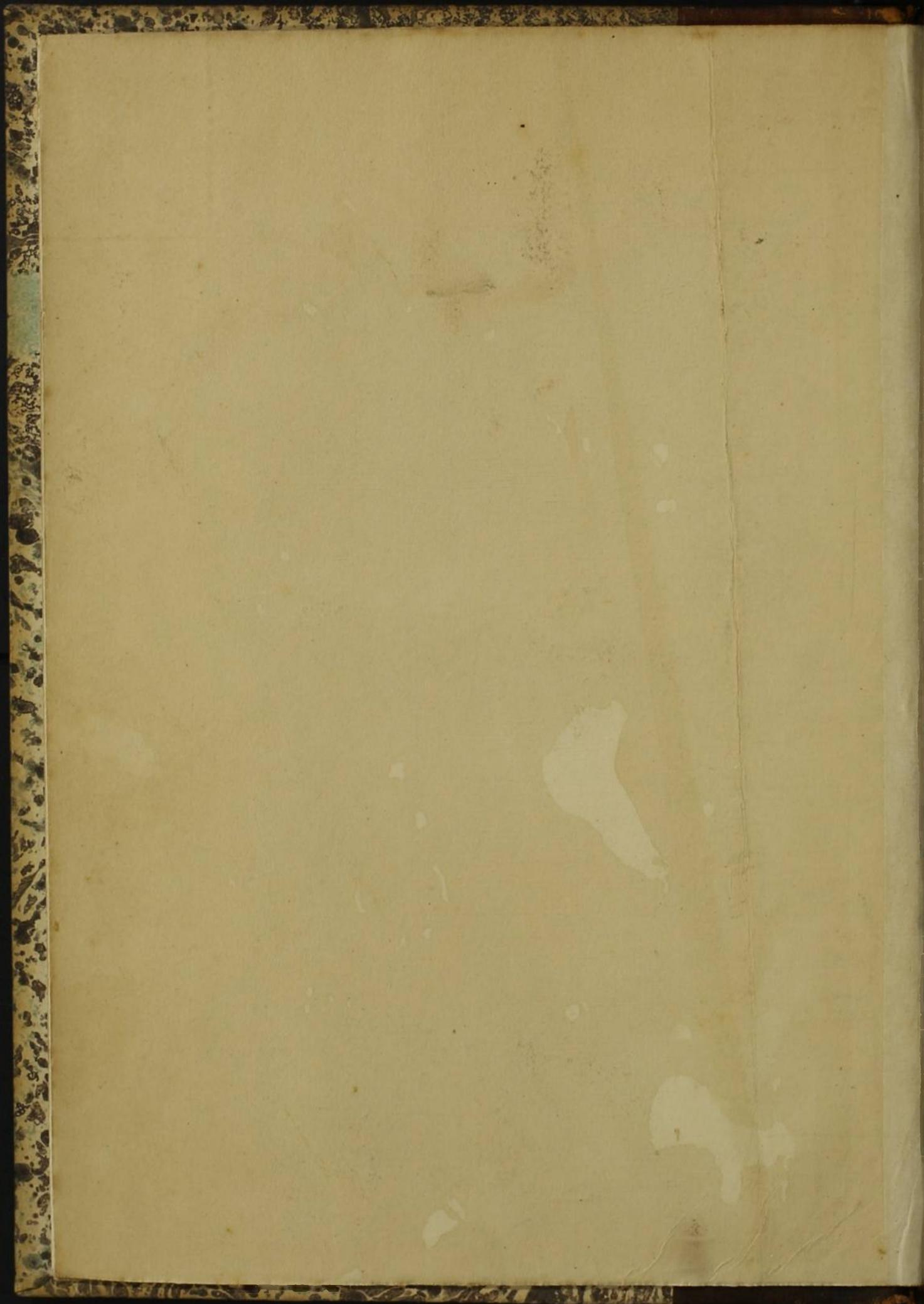


RIO DE JANEIRO

TYP. DE MOLARINHO & MONT'ALVERNE — EDITORES

3.—Largo da Carioca—3

—
1880.



OS NOIVOS

OPERETA

Representada pela primeira vez
no Rio de Janeiro no theatro Phenix Dramatica,
em 12 de Outubro de 1880.

DO MESMO AUCTOR

TRABALHOS THEATRAES REPRESENTADOS:

- **Abel, Helena**, opera-comica em 3 actos, escripta a proposito da **Belo Héllène**, musica de Offenbach.
- Alfacinha** (o), scena comica em verso, original.
- **Amor por annexins**, entre-acto comico, original, musica de Leocadio Raiol.
- Anjo do mal** (o), drama em 5 actos e 8 quadros, traducção livre.
- Camargo** (a), opera-comica em 3 actos, traducção, musica de Lecocq.
- **Casadinha de fresco**, opera-comica em 3 actos, imitação da **Petite mariée**, musica de Lecocq.
- Duas irmans** (as), drama em 5 actos, traducção.
- Exposição portugueza** (a), monologo comico, musica de F. de Sá Noronha.
- **Filha de Maria Angú** (a), opera comica em 3 actos, escripta a proposito da **Fille de Madame Angot**, musica de Lecocq.
- Filha do fogo** (a), opereta-magica em 3 actos e 12 quadros, traduzida livremente e acrescentada, musica de Offenbach, Lecocq e Cyriaco de Cardoso.
- **Jerusalém libertada**, drama phantastico em 4 actos e 10 quadros, traducção, musica de Cyriaco de Cardoso.
- **Joia** (a), comedia em 3 actos. original e em verso.
- Kellar e Fagundes**, dialogo comico, original.
- Mascaras de bronze**, drama em 5 actos, traducção.
- Mulheres do mercado** (as), drama em 5 actos e 10 quadros, traducção, musica de Carlos Cavalier.
- **Nhô-nhô**, comedia em 3 actos, traducção livre.
- **Niniche**, comedia em 3 actos, traducção livre. Musica de Mario Boullard.
- **Noivos** (os), opera-comica em 3 actos, original, musica de F. de Sá Noronha.
- Pelle do lobo** (a), comedia em 1 acto, original.
- Perola negra** (a), drama em 5 actos e 7 quadros, traducção livre.
- Primeiras proezas de Richelieu**, comedia em 2 actos, traducção, de sociedade com Arthur Barreiros.
- **Princeza dos cajueiros** (a), opera-comica em 3 actos, original, musica de F. de Sá Noronha.
- Rei das areias de ouro** (o), drama em 5 actos, traducção.
- Rio de Janeiro em 1877** (o), revista satyrica e burlesca em 1 prologo, 3 actos e 16 quadros, original, de sociedade com Lino de Assumpção. Musica de diversos.
- Sogro e genro**, comedia em 1 acto, imitação.
- **Vespera de Reis na Bahia** (uma), comedia-opereta em 1 acto, original, musica de Francisco Libanio Colás.

As peças com o signal - estão publicadas.

A

SEU SOGRO E BOM AMIGO,

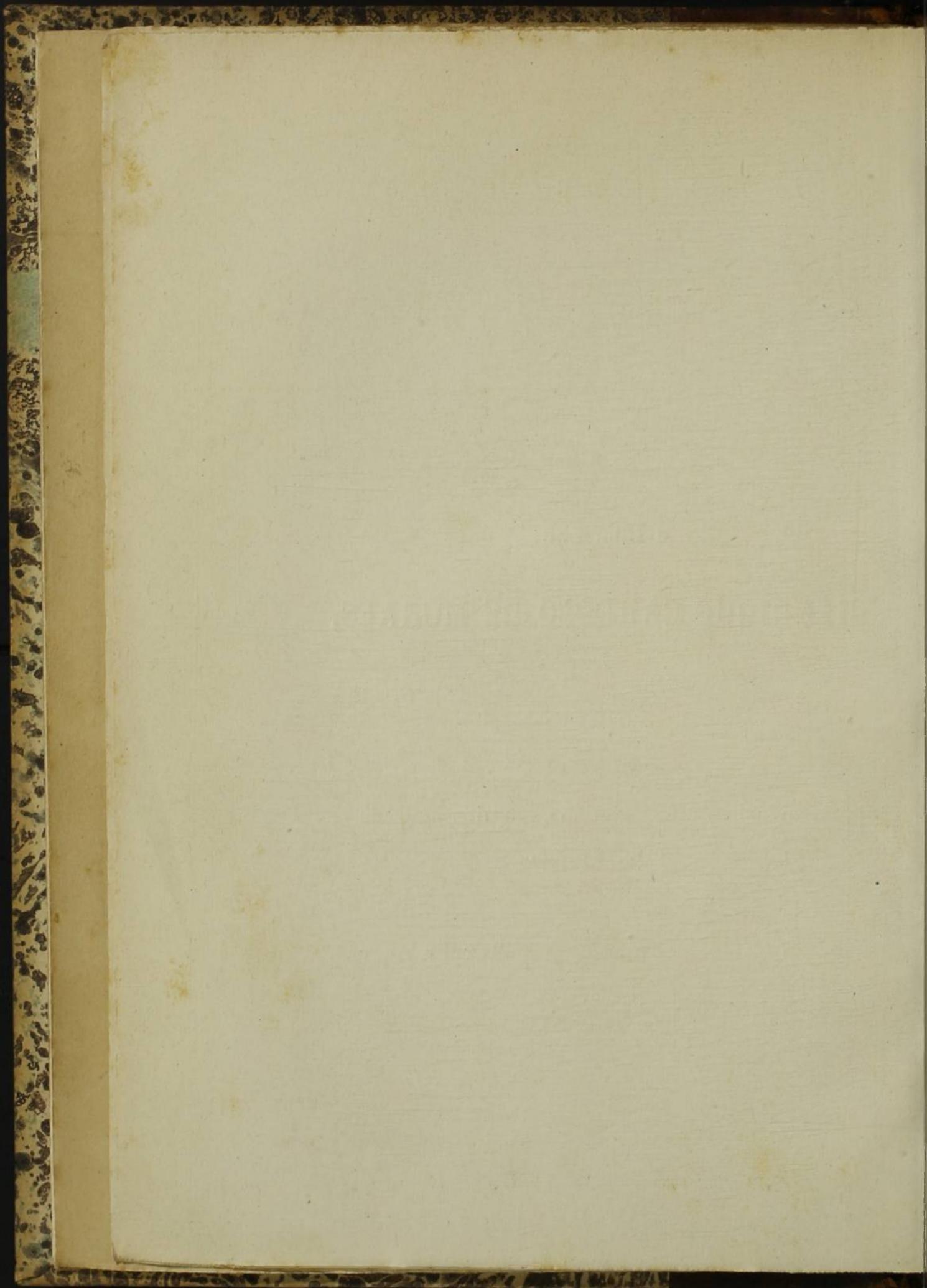
o Illm. Snr.

HENRIQUE CARDOSO DE MORAES,

OFFERECE,

em signal de muita gratidão, respeito, amizade
e sympathia,

ARTHUR AZEVEDO.



ARTHUR AZEVEDO

OS NOIVOS

OPERETA DE COSTUMES EM 3 ACTOS

MUSICA DE

F. DE SÁ NORONHA

Preço: 1.000 réis.

RIO DE JANEIRO

TYP. DE MOLARINHO & MONT'ALVERNE — EDITORES

3,—Largo da Carioca—3

1880.

PERSONAGENS

O TENENTE-CORONEL.....	SR GUILHERME DE AGUIAR.
FREDERICO.....	D. AMELIA GOVERNATIS.
PASSOS PEREIRA.....	SR DIAS.
O DOUTOR PINHEIRO.....	» FELIPPE.
RAYMUNDO.....	» VASQUES.
O VIGARIO.....	» LISBOA.
O MESTRE-ESCOLA.....	» PINTO.
CLORINDO.....	» SILVA.
LEONOR.....	D. ROSA VILLIOT.
FRANCELINA.....	» ISABEL PORTO.
DONA MARIA.....	» MATHILDE CAMINHA.
SALUSTIANO.....	» A. GUERREIRO.
FABRICIO.....	» EUFRASIA.
UM ESCRAVO.....	» MACHADO.

Escravos. Escravas. Convidados. Rapazes da escola.

A scena passa-se no interior da provincia do Rio de Janeiro, na
fazenda do Tenente-coronel. Actualidade.

Ensaaiador.—o Sr Jacintho Heller.

Regente da orchestra.—O Sr Henrique de Mesquita.

Scenographo.—O Sr André Caboufigue.

OS NOIVOS

ACTO PRIMEIRO

Varanda. A' esquerda um oratorio illuminado, collocado sobre uma comoda. Ao fundo, taboa de engommar. Do tecto pende um lampeão. Cadeiras de pau. Ao fundo, parapeito. Além, o campo, em perspectiva.

SCENA PRIMEIRA

o TENENTE CORONEL, *de pé, juncto ao oratorio; ajoelhadas a seu lado* LEONOR e DONA MARIA; *mais afastados, e ajoelhados tambem,* ESCRAVOS, ESCRAVAS. *Rezam.*

AVE MARIA

CÔRO.

Ave Maria, cheia de graça!
Ave Maria, cheia de amor!
Nossos peccados gentil perdôa,
Mãe adorada do Redemptor!
Ave Maria, cheia de graça!
Ave Maria, cheia de luz!
Ave Maria, pomba divina!
Ave Maria, mãe de Jesus!

(*Continua a musica na orchestra. Erguem-se todos silenciosamente.*)

OS ESCRAVOS.

A bençam, sinhô ? A bençam, sinhá ?

O TENENTE-CORONEL.

Adeus.

LEONOR.

Adeus. (*Vae encostar-se pensativa á commoda.*)

O TENENTE-CORONEL.

Tomem a bençam á senhora dona Maria!

OS ESCRAVOS.

A bençam, sinhá velha ?

DONA MARIA, *aparte.*

Sinhá velha ! Desavergonhados ! (*Alto.*) Bôa noite.
(*Os escravos retiram-se, entoando um motivo da Ave Maria.*
As vozes perdem-se ao longe.)

SCENA II

O TENENTE-CORONEL, LEONOR, DONA MARIA.

O TENENTE-CORONEL, *apagando as velas que illuminam
o oratorio e fechando-o.*

Bôa noite.

DONA MARIA, *sentando-se.*

Bôa noite, senhor tenente-coronel.

LEONOR.

A bençam, dindinho ?

O TENENTE-CORONEL.

Deus te faça santa.

O TENENTE-CORONEL, *indo dar-lhe a mão a beijar.*

Deus te faça santa. (*Fazendo abaixar o lampeão e acendendo-o com um phosphoro.*) Ainda está bastante claro, mas fica feito o serviço. Neste tempo, quando a gente menos espera, é noite fechada. (*Indo sentar-se juncto de dona Maria.*) Tem se aborrecido muito na fazenda, não é assim, senhora dona Maria ?

DONA MARIA.

Eu ? Pelo amor de Deus, senhor tenente-coronel ! Ha oito dias que aqui estou e não tenho vontade alguma de voltar para a villa. Aquillo anda por lá muito civilisado. Ou viver na roça, mas na roça propriamente dicta, ou na côrte: eu sou pelos extremos.

O TENENTE-CORONEL.

Ainda bem !

DONA MARIA.

Estou aqui tão bem como si estivesse em casa de minha irman das Lorangeiras.

O TENENTE-CORONEL.

Faça de conta que está em sua casa. Vou dar uma volta pelo terreiro. Até já, senhora dona Maria.

DONA MARIA.

Até já, senhor tenente-coronel.

O TENENTE-CORONEL.

Até já, menina. Você anda triste: o que é isso ?

LEONOR.

Nada, dindinho.

O TENENTE-CORONEL, *arremedando-a.*

Nada, dindinho.—Quem bem nada não se afoga. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA III

LEONOR, DONA MARIA.

DONA MARIA.

Seu padrinho tem razão; a senhora não tem estado no seu natural. Pois olhe, não parece que haja motivo... é tão feliz... (*Leonor chora.*) Então? O que dizia eu? Está chorando...

LEONOR.

Não é nada...

DONA MARIA.

Vamos... diga-me... Confie-me as suas magoas. Quem sabe si não lhe poderei dar remedio? D'onde não se espera, d'ahi é que vem. (*Toma-a pela mão, e fal-a sentar-se a seu lado.*) Conte-me tudo...

LEONOR, *lucrimosa.*

A senhora lembra-se do Frederico?

DONA MARIA.

Do filho de seu padrinho? Perfeitamente. E d'ahi?

LEONOR.

Quando Frederico veio, ha dous mezes, passar as ferias na fazenda, disse-me que gostava muito de mim.

DONA MARIA.

E a senhora?

LEONOR.

Eu... disse-lhe que tambem gostava muito delle.

DONA MARIA.

E enganava-o?

LEONOR.

Não ; mas enganava-me a mim propria, porque, depois que voltou para a côrte, nunca mais me lembrei d'elle.

DONA MARIA.

E é isso motivo para andar triste ?

LEONOR.

O motivo é que jurei pela salvação de minh'alma não pertencer a outro homem ; dei-lhe a minha palavra de honra que o esperaria...

DONA MARIA.

Mas appareceu o doutor Pinheirinho, o juiz municipal, e a senhora esqueceu-se...

LEONOR.

Do Frederico, é verdade... Oh ! eu não desgosto do Frederico.... fomos educados junctos por dindinho, que me recebeu em sua casa mal fiquei orphan... tenho-lhe amisade... mas ao doutor Pinheirinho... (*Ergue-se. Dona Maria ergue-se tambem.*) Oh ! ao doutor Pinheirinho tenho o mais ardente amor !

COPLAS

I

Eu quando o vi á vez primeira,
Nem sei dizer o que senti ;
Puz-me a tremer desta maneira...
Tremi... tremi...

DONA MARIA.

Tremeu ?

LEONOR.

Tremi !

Deitar-me fui, mas não dormi...
E, só lá pela madrugada,
E' que fiquei mais socegada...
Sentia como um peso aqui.

DONA MARIA.

Ahi ?

LEONOR.

Aqui !

II

Com Frederico... é diferente...
Não sinto aquelle mesmo ardor !
E' que namoro isto é somente,
E o outro amor !

DONA MARIA.

Amor !

LEONOR.

Amor...

Ora imagine o dissabor,
Si Frederico da promessa
O cumprimento quer depressa!
Valha-me Deus! que horror! que horror !...

DONA MARIA.

Que horror !

LEONOR.

Que horror!....

Aconselhe-me: a senhora, no meu lugar, o que faria ?

DONA MARIA.

Sei lá! O que lhe recommendo é que—um ou outro—agarre! Agarre com unhas e dentes! A senhora tem de mais o que muitas têm de menos, mas não facilite, que dia de fartura é vespera de necessidade. No meu tempo... quero dizer: quando eu era mais criança, os pretendentes eram assim! (*Gesto, indicando que eram muitos.*) Facilitei, e o resultado foi este que a senhora está vendo... Mais feliz foi minha irman das Lorangeiras.—Olhe, o que posso fazer é isto: finjo-me apaixonada pelo Frederico; elle provavelmente fica pelo beicinho, e esquece-se da senhora. Aceita?

LEONOR, *ironica.*

Acceito: é infallivel.

A VOZ DO TENENTE-CORONEL.

O' Leonor?

LEONOR.

Dindinho chama-me. Com sua licença. (*Saindo.*) Senhor?

SCENA IV

DONA MARIA.

Pois será possivel que eu não ache marido? Eu, que tenho quarenta apolices da divida publica e uma casa assobradada na villa, afóra o que ainda póde vir de minha irman das Lorangeiras? A pretexto de mudar de ares, vim passar estes quinze dias na fazenda, com o olho no tenente-coronel; mas qual! o diabo do homem pensa tanto em casar como eu em ficar solteira. Vou atirar o anzol ao filho: é um bonito rapaz e d'aqui a alguns tempos está senhor doutor! Ha de ser um gosto! Não hei de faltar aos bailes, espectáculos, concertos, touradas, corridas e rega-

tas!... Regatas então! Não sei o que é, nunca vi... mas parece-me que hei de ser muito regateira.—Vou escrever a minha irman das Lorangeiras. (*Vae saindo ; entra o doutor Pinheiro.*) Oh! senhor doutor Pinheirinho! Já... tão cedo?...

SCENA V

DONA MARIA, o DOUTOR PINHEIRO.

O DOUTOR, *em traje de montar.*

Tem passado bem, minha senhora? (*Aperta a mão de dona Maria.*)

DONA MARIA.

Não... não... Muito nervosa... muito agitada... E o senhor? Está pallido! Succedeu-lhe alguma coisa?

O DOUTOR.

Succedeu.

DONA MARIA.

Sim? o que foi?...

O DOUTOR.

Faça o favor de ouvir, e, como já não é criança... e deve ter alguma experiencia...

DONA MARIA.

Pouco mais velha serei do que o senhor... Mas, emfim..

O DOUTOR.

Mas emfim, ha de dar-me um bom conselho talvez.... Queira sentar-se...(*Sentam-se.*)—Poucos dias antes de ser nomeado juiz municipal deste termo, cahi em prometter casamento á filha de um empregado publico, na côrte.

DONA MARIA.

Devéras? (*Aparte.*) Que coincidência!

O DOUTOR.

Faça a senhora idéa de que acabo de receber uma carta desse respeitavel chefe de familia.

DONA MARIA.

Sim?

O DOUTOR, *dando-lhe uma carta.*

Leia.

DONA MARIA.

Com sua licença. (*Lendo.*) «Doutor, como tenho de ir até essa villa, tractar de negocios relativos ao futuro de minha filha, peço-lhe que me dê em sua casa hospedagem por dois ou tres dias. De seu amigo, Passos Pereira.» (*Restituindo a carta.*) Está visto que o tal Passos Pereira vem buscar o cumprimento da promessa.

O DOUTOR.

Mas elle de nada sabia.

DONA MARIA

A filha provavelmente disse-lh'o. E razão teve ella! E' um meio como outro qualquer de pôr um noivo no seguro. E os noivos são tão raros, meu rico senhor doutor! Isto é: raros para umas... para outras não... Olhe, eu creio que estou resolvida...

O DOUTOR, *erguendo-se.*

A casar?

DONA MARIA, *com indifferença.*

A casar... Instam tanto comigo! O pretendente não lhe é estranho...

O DOUTOR.

A mim? (*Sentando-se de novo.*)—Mas, vamos! o que me aconselha, senhora dona Maria? Eu não desgosto de Francelina. .

DONA MARIA.

Francelina? Ah! é a filha do empregado publico...

O DOUTOR.

Não desgosto della... Oh! mas depois que vi Leonor...

DONA MARIA, *aparte.*

Tal e qual como a outra!

O DOUTOR.

Oh! Leonor! (*Ergue-se, bem como dona Maria.*)

RONDO'.

Ai, que o teu rosto sereno
Enfeitiçou-me, Leonor!
Meu coração é pequeno
Pequeno p'ra tanto amor!
Meus olhos por teus encantos
Enfeitiçados estão;
Elles são taes e são tantos,
Que quasi perco a razão!
A pobre mãe, que perdeste,
Amor te devêra ter,
Porém mais forte do qu'este,
Não t'ó podêra off'recer.
Anjo de amor, adorado
Mais do que os anjos o são,
Ver-me comtigo casado
E' toda a minha ambição.

Si, n'um momento maldicto,
Por outra o peito me arfou,
O dicto dou por não dicto,
Pois só teu... só teu... teu sou !
Ai, que o teu rosto sereno
Enfeitiçou-me, Leonor !
Meu coração é pequeno,
Pequeno p'ra tanto amor !

Mas, afinal de contas, o que me aconselha, senhora dona Maria ?

DONA MARIA.

Eu lhe digo... (*Entra o Tenente-coronel.*)

SCENA VI

DONA MARIA, o DOUTOR, o TENENTE-CORONEL,
depois UM NEGRO.

O TENENTE-CORONEL.

Ora viva, doutor ; estava ahi ? (*Aperta-lhe a mão. Comprimentam-se.*) Veio a proposito: tenho que lhe fallar em particular.

DONA MARIA, *fazendo uma mesura.*

Visto isso, senhor tenente-coronel...

O TENENTE-CORONEL.

São duas palavrinhas só. (*Dona Maria vae saindo. Entra um negro escravo com uma bandeja cheia de chicaras de café e assucareiro.*)

DONA MARIA.

Está ahi o café. (*Serve-se de uma chicara, tempéra e sae. Enquanto sae, aparte.*) O que não me faz conta, é que se

desmanche o casamento do doutor com a Leonor. Quero o Frederico livre e desembaraçado. (*Desapparece. Durante o aparte, o negro tem-se approximado dos dous, que se servem. O negro sae.*)

SCENA VII

O DOUTOR, O TENENTE-CORONEL.

O TENENTE-CORONEL.

Tanto paga de pé como sentado. (*Sentam-se. Scena muda. Sorvem o café. O tenente-coronel deita o seu no pires e esfria-o, soprando.—Ao doutor.*) Está bom de assucar ?

O DOUTOR.

Muito bom.

O TENENTE-CORONEL.

Deste, aposto que não se toma na côrte.

O DOUTOR.

Qual ! Nem no becco das Cancellas ! (*Vae collocar as chicharas sobre o parapeito e volta a sentar-se. Aparte.*) Onde vae tocar sei eu...

O TENENTE-CORONEL, *solemnemente.*

Senhor doutor Pinheirinho... ou por outra: senhor doutor Pinheiro... O meu compadre Chico Barbosa... ou por outra: Francisco Barbosa... (*Pausa.*) morreu ha dezeseis annos...

O DOUTOR, *aparte.*

E' o que eu digo...

O TENENTE-CORONEL.

Deixou mulher e uma pequenita deste tamanho... A pequenita, porque a mulher... (*Indica o tamanho.*) A mulher

pouco tempo sobreviveu ao dito meu compadre, e a pequenita, que é a Leonor, confiou-m'a a viuva poucos momentos antes de morrer... Sou seu padrinho e tutor... A pequenita cresceu... Vossa senhoria gostou della; ella gostou de vossa senhoria... *(Com resolução.)* O que eu desejo saber, senhor doutor, é si esta letra está ou não está vencida!

O DOUTOR, *aparte.*

O que dizia eu? *[(Alto.)* E' justo, senhor tenente-coronel, e eu...

O TENENTE-CORONEL.

Ah, meu tempo! meu tempo! Em 1840, quando um rapaz deitava os olhos n'uma rapariga, a primeira coisa que lhe perguntava, era: Quer casar comigo? E si a rapariga respondia: Quero, sim, senhor,—lá ia elle dalli direitinho aos paes; e não se lhes dava dez mezes para tractarem...

O DOUTOR.

Do casamento?

O TENENTE-CORONEL.

Nada: do baptisado. Hoje a coisa é outra! Dous annos para namorar... Para namorar? Que digo eu!... para... estudar o character da noiva... Leva um estafermo pespegado no vão de uma janella com a namorada, a dizer-lhe toleimas de toda a especie... O que está fazendo? Estudando o character... Pervertendo-o, talvez! Verdade seja que isto hoje é uma necessidade... Em 1840, oh! tempora, oh! mores! oh! assombrosa versatilidade dos annos! como dizia o padre Antonio Vieira, os characteres eram todos um, porque a educação era outra, e uma... Mas, como ia dizendo, dous annos para isto, um anno para preparar o enxoval, seis mezes para tractar dos papeis, etc., etc., quando chega uma senhora a casar, já tem idade para criar pintos!

O DOUTOR, *erguendo-se.*

Senhor tenente-coronel, peço-lhe a mão de dona Leonor em casamento.

O TENENTE-CORONEL, *erguendo-se.*

Isso! Isso! Anda mão, enfia dedo. 1840 no caso! Deixe-me chamar a pequena.

SCENA VIII

o DOUTOR, o TENENTE-CORONEL, *depois* LEONOR.

TERCETTO

O TENENTE-CORONEL.

Leonor! Leonor!

LEONOR, *entrando.*

Senhor! Senhor!

(Comprimentando.) Senhor doutor...

O DOUTOR, *idem.*

Minha senhora...

(Aparte.) Como ella está encantadora!

O TENENTE-CORONEL, *solemne.*

Minha afilhada e pupilla,
O doutor, neste momento,
Vem pedir em casamento
A tua mão.

LEONOR.

A minha mão?

O DOUTOR.

A sua mão.

(*Aparte.*) Parece que ella vacilla...

O TENENTE-CORONEL.

Por isso quero que digas
Si sim ou não.

LEONOR.

Si sim ou não?

O DOUTOR.

Si sim ou não...

O TENENTE-CORONEL.

Em quarenta as raparigas
Diziam logo que sim !
No meu tempo isto era assim !

OS TRES.

No { meu
 tempo isto era assim !
 seu

O TENENTE-CORONEL.

Então ? que dizes, menina ?...
Diz qualquer coisa, sinhá !

O DOUTOR, *aparte.*

O que dirá Francelina ?

LEONOR, *aparte.*

Frederico o que dirá ?

(*Depois de alguns momentos de hesitação.*)

Eu considero bem feito
O que dindinho fizer.

O TENENTE-CORONEL.

Acceitas então ?

LEONOR, *com pequeno esforço*

Acceito....

O DOUTOR, *enlaçando-a.*

Queres ser minha mulher ?
Queres ser, Leonor divina ?

LEONOR, *resoluta.*

Quero, sim, ora aqui está !

O DOUTOR, *aparte.*

O que dirá Francelina ?

LEONOR, *aparte.*

Frederico o que dirá ?

JUNCTOS.

O DOUTOR.

LEONOR.

Um noivo com duas noivas !
Oh ! que triste posição !
Si apparece o pae da outra,
Vamos ter complicação !

Uma noiva com dois noivos !
Oh ! que triste posição !
Si apparece o Frederico,
Vamos ter complicação !

O TENENTE-CORONEL.

A pequena já tem noivo !
Que grande satisfação !
Tenho vencida uma letra !
Que prazer e que alegrão !...

'Stá dicto então ?

O DOUTOR.

Gostas de mim ?

LEONOR.

Gosto, pois não !

O DOUTOR.

Prazer sem fim !

O TENENTE-CORONEL.

No meu tempo isto era assim !

OS TRES.

No { meu
 tempo isto era assim !
 seu

(Terminado o tercetto, apparece ao fundo, no campo, Passos Pereira, acompanhado por um pagem, que aponta para o doutor e desaparece. Passos Pereira bate palmas.)

O TENENTE-CORONEL, *ouvindo bater.*

Quem nos honra ?

PASSOS PEREIRA.

Um criado.

O DOUTOR, *reconhecendo-o, aparte.*

O Passos Pereira ! Estou perdido !

O TENENTE-CORONEL.

Faça o favor de entrar !

SCENA IX

O DOUTOR, O TENENTE-CORONEL, LEONOR, PASSOS PEREIRA, *depois* FRANCELINA, *depois* UM PAGEM.

PASSOS PEREIRA, *entrando*.

Queria dar duas palavrinhas ao senhor doutor Pinheiro.

O DOUTOR.

Senhor Passos Pereira ! (*Abraçam-se.*) Recebi hoje a sua cartinha, mas só o esperava amanha. Apresento-lhe o senhor tenente-coronel João Leopoldo e sua afilhada, a senhora dona Leonor. (*Passando pelo Tenente-coronel, rapidamente e baixinho.*) Não lhe diga nada.

O TENENTE-CORONEL, *apertando a mão a Passos Pereira*.

Folgo de conhecê-lo.

PASSOS PEREIRA.

Egualmente.

O TENENTE-CORONEL, *aparte*.

O doutor não quer que se saiba. Ah, 1840 !...

PASSOS PEREIRA.

Minha senhora... (*Mesura de Leonor.*) Fomos á sua casa, na villa. A sua criada disse-nos que o encontraríamos aqui. Como era perto, viemos. O senhor sabe que sou o homem dos expedientes ; arranjei logo tres animaes !

O DOUTOR.

Tres animaes ! Pois o senhor não veio só ?

PASSOS PEREIRA.

E' verdade, ainda não lhe disse: vimos eu, minha filha e um pagem. (*Movimento do doutor.*)

O TENENTE-CORONEL.

E a senhora sua filha ficou lá fóra? Pelo amor de Deus! (*Sóbe ao fundo.*)

PASSOS PEREIRA, *subindo.*

Ella ahí vem.

FRANCELINA, *apparecendo com o pagem, que fica ao fundo.*

Aquí estou, papae.

O DOUTOR, *aparte.*

Ella! Oh, meu Deus! Estou suando frio!

PASSOS PEREIRA.

Vê quem está cá, minha filha: o doutor Pinheiro.

FRANCELINA.

Ah!

O DOUTOR, *embaraçado, sem encaral-a.*

Minha senhora...

FRANCELINA, *da mesma fórma.*

Senhor doutor...

PASSOS PEREIRA.

Minha filha, senhor tenente-coronel...

O TENENTE-CORONEL.

Estimo conhecê-la, minha senhora; esteja a seu gosto. (*Francelina dirige-se a Leonor, beijam-se e depois conver-*

sam baixinho.) Com licença...vou dar algumas ordens... Não façam cerimoniaes, heim?

PASSOS PEREIRA.

Deixei as cerimoniaes na côrte; ando farto dellas.

O TENENTE-CORONEL.

Assim é que eu gôsto que me fallem!... (*Saindo a gritar.*) O' Thomazia! Thomazia!... (*Sae.*)

SCENA X

O DOUTOR, PASSOS PEREIRA, LEONOR, FRANCELINA.

O DOUTOR, *aparte.*

Estou mettido em bôa!

PASSOS PEREIRA, *ao doutor, enquanto Francelina e Leonor sentam-se á direita.*

Minha mulher não me deixou sair da côrte sosinho. O senhor comprehende... o ciume... Foi preciso que a menina viesse. Quando cheguei á villa e me disseram que o senhor estava nesta fazenda, estimei... Fazia-me conta chegar até aqui, e era perto... Diga-me uma coisa: este tenente-coronel falla francez? (*O doutor está visivelmente perturbado.*) Deve estranhar esta pergunta... Mas o que quer? Um pae! O senhor comprehende... Logo fallaremos... temos tempo! (*Vae ter com Leonor e a filha e conversa com ellas.*)

O DOUTOR, *aparte.*

Estou bem arranjadinho... O homem sabe de tudo... E' capaz de metter-me o petropolis, e razão tem elle! Ora

esta! (*Passeia agitado.*) E Francelina conversando com Leonor! Jesus! Continúo a suar frio! (*Continúa a passear: tenta approximar-se do grupo dos tres, mas não se atreve.*)

PASSOS PEREIRA, *approximando-se d'elle.*

Diga-me cá: ha hotel na villa? Eu tencionava ir para sua casa. mas com a menina... já agora... o senhor comprehende... não é possível!

SCENA XI

o DOUTOR, LEONOR, PASSOS PEREIRA, FRANCE-
LINA, o TENENTE-CORONEL.

O TENENTE-CORONEL.

Hotel!... Quem é que falla aqui em hotel?... O senhor fica em nossa casa com a senhora sua filha! Os amigos do doutor Pinheirinho meus amigos são! Temos accomodações para todos. (*Ao pagem que fica ao fundo.*) O' rapaz! leva os animaes para a villa e traze as malas de teu senhor.

PASSOS PEREIRA.

E' uma malinha só... ficou em casa do doutor Pinheiro. (*O pagem sae.*) Não sei como agradecer-lhe, senhor tenente coronel... O senhor é um homem que comprehende as necessidades da gente!

O TENENTE-CORONEL.

Hão de passar mal estes dias, mas não morrerão á fome.

PASSOS PEREIRA, *baixo ao doutor.*

Então o tenente-coronel é seu amigo, heim? Muito bem... muito bem!

O DOUTOR, *aparte*.

O homem está damnado!

PASSOS PEREIRA, *ao tenente-coronel*.

O senhor não contava com esta massada, heim?

O TENENTE-CORONEL.

Massada nenhuma! Comida sobra sempre; os quartos dos hospedes estão preparados; massada de que?

FRANCELINA, *continuando uma conversa com Leonor*.

Logo que voltar, hei de mandar-lhe o figurino.

PASSOS PEREIRA, *à filha*.

Menina, sabes que vamos ficar aqui em casa do senhor tenente-coronel?

LEONOR.

Aqui? Muito bem...

SCENA XII

O DOUTOR, LEONOR, PASSOS PEREIRA, FRANCELINA, O TENENTE-CORONEL, DONA MARIA, *depois o NEGRO*.

(Dona Maria entra gravemente, cumprimentando os recém-chegados com grandes mesuras. O Tenente-coronel apresenta-a.)

O TENENTE-CORONEL.

A senhora dona Maria de Vasconcellos, visita de nossa casa. *(Cumprimentos. Dona Maria troca um olhar de intelligencia com o doutor Pinheiro, fazendo uma grande mesura a Passos Pereira.)*

PASSOS PEREIRA.

Minha senhora.

O TENENTE-CORONEL, *levando Francelina pela mão.*

A filha do senhor Passos Pereira, a senhora dona...

FRANCELINA.

Francelina, uma sua criada. (*Dona Maria beija-a e troca outro olhar significativo com o doutor Pinheiro.*)

O TENENTE-CORONEL.

Ora muito bem ! Mas porque não se sentam ? (*Puxa cadeiras. Tomam logares. Longa pausa.*)

DONA MARIA, *desabridamente, a Passos Pereira.*

O senhor conhece por lá minha irman das Larangeiras ?

PASSOS PEREIRA.

Não, minha senhora ; a nossa casa é na rua Larga de São Joaquim.

DONA MARIA.

Ella é muito conhecida na côrte.

PASSOS PEREIRA.

A rua Larga ?

DONA MARIA.

Minha irman.

PASSOS PEREIRA.

Não tenho a honra de conhecê-la... (*Aparte.*) O Pinheiro evita o meu olhar... Estará zangado comigo ?

O DOUTOR, *aparte.*

Francelina está desesperada ! Si os seus olhos se encontram com os meus, desvia logo o rosto.

FRANCELINA, *aparte*.

O Pinheiro já sabe de tudo... Nem me encara...

LEONOR, *julgando que Francelina falla com ella*.

Senhora ?

FRANCELINA.

Nada...

O TENENTE-CORONEL.

Então ? Digam alguma coisa ! Estão todos tão calados !

(Os personagens formam, sentados, um grupo ao capricho do ensaiador.)

SEXTETTO

O TENENTE-CORONEL, *a Passos Pereira*.

O que ha de novo na cidade ?

O ministerio cae ou não ?

PASSOS PEREIRA.

Si quer que lhe falle verdade,

Nem os ministros sei quem são.

Sou empregado publico,

Sou empregado velho ;

Porém nunca em politica

Metti o bedelho.

DONA MARIA.

O tenente-coronel

E' o contrario, senhor !

FRANCELINA, *aparte*.

Já não me encara o doutor...

O DOUTOR, *aparte*.

Estou fazendo um papel...

O TENENTE-CORONEL.

Sou destemido !
Sou decidido !
Sou do partido
Conservador !

TODOS.

E' destemido !
E' decidido !
E' do partido
Conservador !

O TENENTE-CORONEL.

Eu sou damnado,
Desabusado !
Sou respeitado
Nas eleições !
E' por tamanho
Ser o arreganho,
Que sempre apanho
Meus pescoções !

PASSOS PEREIRA.

Ah ! Ah !

LEONOR, *aparte*.

Estranho
O doutor:
Tamanho
Palor
Não é natural.

PASSOS PEREIRA.

(Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

o DOUTOR, *aparte*.

O Passos ri-se: é bom signal.

PASSOS PEREIRA.

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

(*Ergue-se, rindo-se tanto, que os outros erguem-se tambem e vão-se approximando n'um crescendo de gargalhadas.*)

TODOS.

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

PASSOS PEREIRA.

Ai, sempre ganha
Seus pescoções,
Quando se apanha
Nas eleições!

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

LEONOR, *timidamente*,

Doutor, zangado está comigo?

O DOUTOR.

Porq e me faz pergunta tal?

LEONOR.

Porque me foge, ó meu amigo?

PASSOS PEREIRA.

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

O DOUTOR, *aparte*.

O Passos ri-se: é bom signal...

CONCERTO.

FRANCELINA, *aparte*

Dar-se-á caso que o doutor,
Por despeito, por despeito,
Finja ter sincero amor
A' matuta da Leonor?

PASSOS PEREIRA, *aparte*.

Quero apanhar o doutor
Muito a geito, muito a geito;
Pae que muito bom pae fôr,
Deve ser indagador.

LEONOR, *aparte*.

Não me procura o doutor!
Já suspeito, já suspeito,
Que me perdeu todo o amor
Que me tinha com fervor!

O TENENTE-CORONEL.

Que silencio em deredor!
Não tem geito! não tem geito!
Tão calado está, doutor!
Diga lá, seja o que fôr!

DONA MARIA, *aparte*.

Que diabruras faz amor!
Mas, com geito...mas, com geito...
Deve sair-se o doutor
Disto, seja como fôr.

O DOUTOR. *aparte*.

Já estou banhado em suor!
Mas, com geito..mas, com geito..
Hei de, seja como fôr,
Sair disto pr'a melhor.

O NEGRO, *entrando depois do forte com que termina o concerto.*

Cangica tá na meza. (*Sae o negro. A orchestra conserva alguns compassos de musica até o canto seguinte.*)

O TENENTE-CORONEL.

Vamos á cangica!

O DOUTOR, *offerecendo o braço a Leonor.*

O seu braço? (*Vivamente a Francelina, que olha para elle.*) O seu braço? (*Dá o braço a ambas.*)

O TENENTE-CORONEL.

Eu rompo a marcha ! (*Vae saindo, na frente do Doutor, Leonor e Francelina.*)

PASSOS PEREIRA, *a dona Maria.*

O seu braço, minha senhora ?

DONA MARIA, *dando-lhe o braço.*

Agradecida. (*Aparte.*) Este Passos será viuvo ?

PASSOS PEREIRA.

Vamos !

DONA MARIA.

Que pena o senhor não conhecer minha irman das Laranjeiras ! (*A scena fica vasia por alguns momentos. O fundo escurece completamente.*)

SCENA XIII

FREDERICO, *depois* RAYMUNDO.

FREDERICO, *entrando pelo fundo. Vestuario de montar.*

RECITATIVO

Eis-me, afinal, em casa de meu pae !
Em jubilo nadar tudo aqui vae !

COPLAS.

I

Não quiz esperar as férias,
Mais tempo esperar não quiz ;
Promessas não são pilherias,
E então daquellas que eu fiz !

O promettido
Diz que é devido
Rifão sagaz ;
Quero com geito,
Mas com respeito,
Voltar atraz...

II

Promessa de casamento
Eu fiz á linda Leonor !
Maldicto seja o momento
Em que jurei ter-lhe amor !
Pois tal promessa
Muito depressa
Roubou-me a paz ;
Quero com geito,
Mas com respeito,
Voltar atraz !

Mas onde ficou Raymundo ? (*Indo ao fundo*) Raymundo !... Raymundo !... por aqui !

Entra Raymundo. E' gago, myope, perneta, muito feio e veste exageradamente á ultima moda.

RAYMUNDO.

Cá... cá... estou... Já me arrependi de ter vindo pas... passar uns dias em ca... casa de... de teu pae. Este logar é... muito feio ! E' im... impossivel que aqui se pos... possa arranjar um bom ca...ca...casamento !

FREDERICO.

Ah, maganão ! Você anda á procura de um bom casamento, heim ?

RAYMUNDO.

Não com... comprehendo que se venha á... á roça para outra coi... coisa !

FREDERICO.

Não percas as esperanças !

RAYMUNDO.

Mas onde está teu... teu pae ? Que... fi... filho é este que em vez de...de procurar a fa... fa... familia, põe-se a ta... a taga... a tagarelar na sala ?

FREDERICO.

Estou com um receio enorme de apresentar-me. Vê que não me animei a vir sosinho !

RAYMUNDO.

Ora... ora essa ! Porque ?

FREDERICO.

Porque ? Vem cá... (*Sentam-se.*) Tracta-se mesmo de casamento. Ouve e dá-me um conselho...

RAYMUNDO, *admirado.*

Um con... um conselho !... (*Erguendo-se e apertando-lhe a mão com effusão.*) Obri... obrigado ! mui... muito o... obrigado !

FREDERICO, *admirado.*

Porque ?

RAYMUNDO, *modestamente.*

E' a primeira vez que... que me pedem um con... conselho... (*Senta-se.*) Va... vamos lá !

FREDERICO.

Antes de sair de cá, prometti, sob palavra de honra, casamento a Leonor...

RAYMUNDO.

Quem... quem é?

FREDERICO.

A afilhada de meu pae.

RAYMUNDO.

Ah!

FREDERICO.

Estimava-a muito; no emtanto...

RAYMUNDO.

No emtanto viste a fi... a filha do Pas... Pas... Passos Pe... Pe...Pereira e...

FREDERICO.

E fiz-lhe a mesma promessa.

RAYMUNDO.

Tambem sob pa... pa... pa...

FREDERICO.

Sim! Tambem sob pa...palavra de honra!—O que me aconselhas tu?...

RAYMUNDO.

Eu te... te digo. (*Reflecte.*) Qual del... dellas é mais... mais...? (*Faz signal de dinheiro.*) Ca... casa-te... com a mais ri... rica!

FREDERICO, *erguendo-se.*

Ora ! Tambem a que porta fui bater !

RAYMUNDO.

E si ambas o... o forem... le... leva-as pa...pa... para a Turquia e ca... ca... casa-te com ambas ! (*Ergue-se.*)

FREDERICO.

Meu Deus ! como hei de apparecer a Leonor ? Como hei de voltar atraz ?

A VOZ DO TENENTE-CORONEL.

O que estás dizendo, negro ? Frederico está ahi ?

FREDERICO.

Ah ! ahi vem... Jesus ! Está gente de fóra !

SCENA XIV

FREDERICO, RAYMUNDO, o TENENTE-CORONEL,
depois PASSOS PEREIRA, DONA MARIA, *depois*
o DOUTOR, FRANCELINA, LEONOR, *depois* o^s
ESCRAVOS.

O TENENTE-CORONEL, *entrando.*

Meu filho ! (*Dá-lhe a bençam. Abraçam-se.*) Que agradavel surpresa ! (*Correndo ao fundo.*) José ! Mathias ! Simplicio ! Já um jongo aqui na varanda, que sinhô moço chegou !

PASSOS PEREIRA, *entrando com dona Maria.*

Senhor Frederico...

FREDERICO, *pasmo*.

Ah! (*Vendo entrar Francelina.*) Oh!...

LEONOR, FRANCELINA, *aparte*.

Elle! (*Deixam vivamente o braço do Doutor.*)

FREDERICO, *aparte*.

Nem Leonor nem Francelina olham para mim! Já sabem de tudo!

LEONOR, FRANCELINA, *aparte*.

Elle nada ignora!

O TENENTE-CORONEL, *voltando e dando com Raymundo*.

Ah! (*Ao filho.*) E' tambem estudante?

RAYMUNDO.

Sim... sim senhor...

DONA MARIA, *aparte*.

Em que anno está?

RAYMUNDO.

No pri...no primeiro!

O TENENTE-CORONEL, DONA MARIA, PÁSSOS PEREIRA.

Oh!!...

RAYMUNDO.

Ha mui... muito tempo. Pa... para bem dizer, es... estou no... no quinto.

O TENENTE-CORONEL.

Meu filho, apresento-te... Ah! ahi vêm os negros! Ficam as apresentações para depois! Comece o jongo!

FINAL

TODOS.

O jongo ! o jongo !

O TENENTE-CORONEL, *a Frederico.*

Senta-te alli.

(A Passos Pereira.) O senhor

Aqui,

(A Francelina.) Fique aqui com Leonor.*(A Dona Maria.)* A senhora aqui,

Ao pé de mi.

*(Grupo. Estão todos sentados nos logares indicados pelo Tenente-coronel.)*LEONOR, O DOUTOR, FREDERICO, FRANCELINA, *aparte.*

Que amargo instante !

Que situação !

Olhar p'ra } elle
 } ella

Não ousa, não !

(Entrada ruidosa do côro de escravos e escravas que, depois de mesuras aos primeiros compassos do jongo, entoam-n'o, dansando durante o canto.)

JONGO.

Trabaia, negro, trabaia

Na roça de teu sinhô !

(Com um movimento de braços e hombros.)

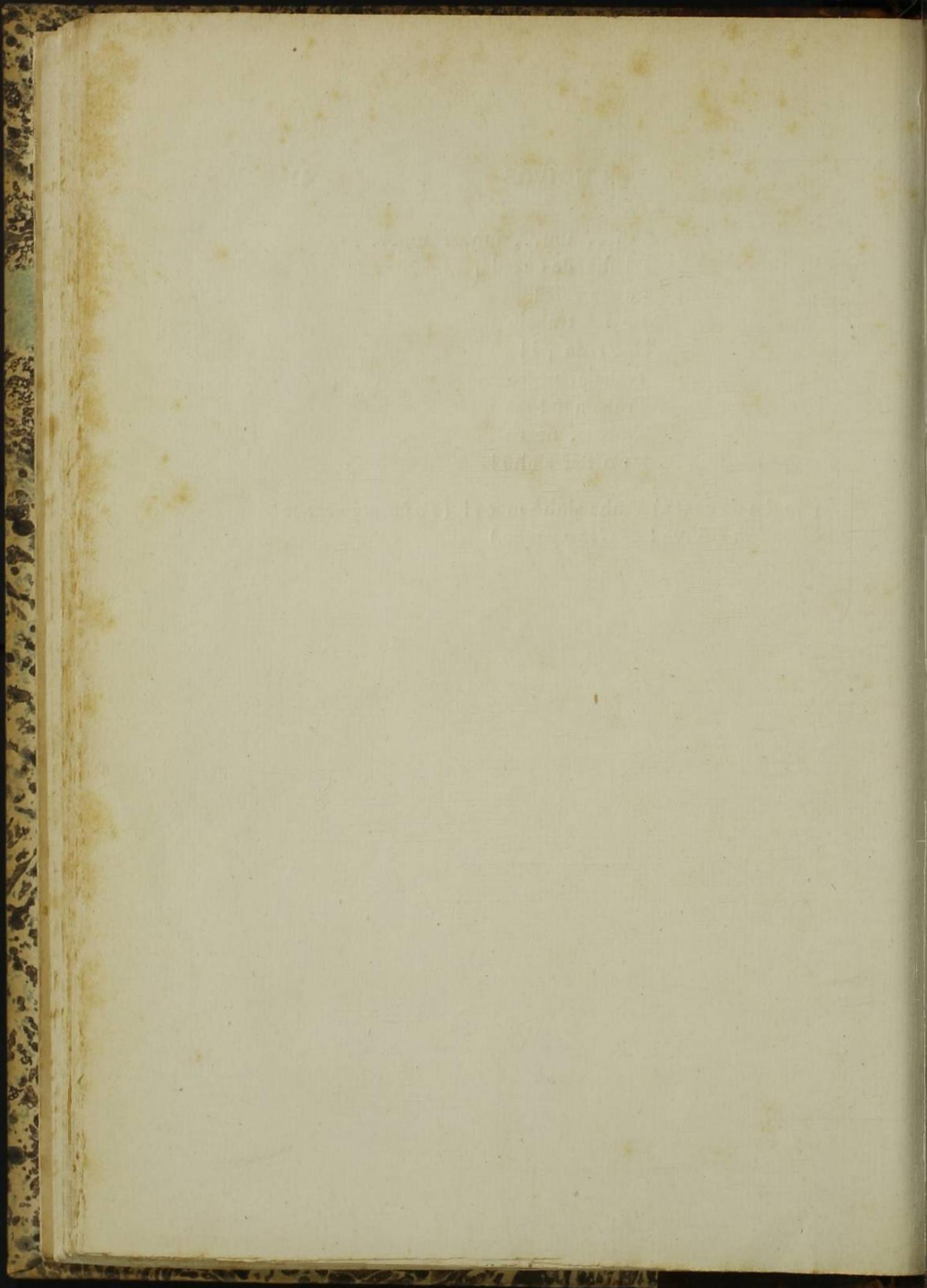
Um... um... um...

Passarinho já não canta ;

O só não tarda a si pô !

Um... um... um... um...
Dá-lhe de enxada,
Panha café ;
De teu trabaio
Não réda pé !
Trabaia, negro
Trabaiadô !
Trabaia, negro
P'r'o teu sinhô !

(No fim do canto.) Vinha sinhô moço ! (Todos erguem-se e respondem : Viva ! — Cae o panno.)



ACTO SEGUNDO

Sala de visitas na fazenda do Tenente-coronel. Piano. Mobilia modesta, mas decente. Illuminação. Sarau.

SCENA PRIMEIRA

FREDERICO, DONA MARIA, RAYMUNDO, FRANCE-
CELINA, o TENENTE-CORONEL, LEONOR, o
DOUTOR, PASSOS PEREIRA, o MESTRE-ESCOLA,
o VIGARIO, CONVIDADOS DE AMBOS OS SEXOS, *de-
pois*, UM NEGRO.

Ao levantar o panno quatro musicos estão sentados a um lado, tocando. Entre elles o Mestre-escola, e o Vigario : este toca violão, aquelle rabeca. Dansa-se uma quinta contradansa ruidosa. Frederico dança com dona Maria, que se requebra comicamente. São vis-à-vis de Raymundo, que dança com Francelina. O Tenente-coronel dança com a filha; é vis-a-vis do doutor, que dança com uma moça qualquer. Passos Pereira dança também com uma figurante. Raymundo é mestre-sala e grita as marcas da contra-dansa, gaguejando sempre.

CÔRO, durante a contradansa.

Nós hoje ás mil maravilhas
Vamos de certo passar !
Walsas, polkas e quadrilhas
Vamos dansar !
Brincar !
Folgar !

N'um momento dado, Raymundo bate palmas; finda a contradansa. Uns cavalheiros offerecem cadeiras a seus pares. Outros saem de braço dado. Alguns pares passeam.

RAYMUNDO, *a Frederico.*

Parabens, Frederico... é um...um baile di... digno de ti. (*Senta o seu par e vae conversar com o Mestre-escola.*)

FREDERICO, *passeando com dona Maria.*

E' singular! Nem Leonor nem Francelina me encaram!

O DOUTOR, *sentando o seu par.*

E' celebre! Nem Francelina nem Leonor olham para mim!

LEONOR, *sentando-se juncto de Francelina.*

O doutor não veio ainda sentar-se ao pé de mim!

FRANCELINA, *aparte.*

Frederico não se chegou ainda para o meu lado!

OS QUATRO, *aparte.*

Já sabe de tudo!

DONA MARIA, *a seu par.*

Vamos dar um gyro lá por fóra, senhor Frederico?

FREDERICO.

Pois não, minha senhora!

DONA MARIA.

Ai, senhor Frederico!

FREDERICO.

Por quem suspira, minha senhora?

DONA MARIA.

Não sei, senhor Frederico, não sei...

FREDERICO.

Julguei que fosse por sua irman das Larangeiras. (*Saem.*)

RAYMUNDO, *continuando uma conversa com o Mestre-escola.*

E por quan... quantos a...alumnos é frequenta...da a a sua... esco...cola?

O MESTRE-ESCOLA.

Eu tenho uns vinte alumno... Estão todos adiantado... No anno passado cinco fez exame... Os pae estão satisfeito.

RAYMUNDO, *aparte.*

Os...os ss é que... não devem es... estar.

O MESTRE-ESCOLA.

Eu ensino grammatica, doutrina christan e musica. Eu ha de ensiná francez, mas porém premeiro é perciso aprendê. (*Continuam a conversar baixo.*)

O VIGARIO, *continuando uma conversa com o Tenente-coronel, de quem se tem approximado.*

Está enganado, tenente-coronel! Está muito enganado!
O João Cobó vota com o Raposo!

O TENENTE-CORONEL.

Não vota, seu vigario, não vota! Quer vossa reverendissima dizer-me a mim quem é o João Cobó!

O VIGARIO.

E' um troca-tintas! Ainda me deve dez mil réis de uma encommendação... Desde que lhe morreu a sogra... E encommendações de sogra devem pagar-se dobrado. (*Continuam a conversar.*)

FRANCELINA, *continuando uma conversa com Leonor, ao pé da qual está sentada.*

E' verdade... Imagine a senhora ter uma moça prometido casamento a dous rapazes e ver-se em presença de ambos!

LEONOR, *aparte.*

E' uma indirecta, não ha duvida... (*Alto.*) Mas... (*Continuam a conversar baixinho.*)

O TENENTE-CORONEL, *deixando o Vigario e indo ter com o Doutor.*

Então o que é isso, doutor? Parece-me amuado!

LEONOR.

Eu?! Pelo contrario, senhor tenente-coronel... Eu... Ora que lembrança!

O TENENTE-CORONEL, *levando-o pela mão.*

Venha cá, homem de Deus, o seu logar é aqui! (*Leva-o para juncto de Leonor e fal-o sentar-se ao lado della. Depois vem á bocca da scena e canta a seguinte copla.*)

COPLA

De um pae que o saiba ser olé!

E' grande a trabalhadeira!

Faz má figura e serve até!

De pau de cabelleira!

(Vae conversar outra vez com o Vigario, que se tem occupado em aßnar o violão.)

PASSOS PEREIRA, *indo ao encontro de Frederico que volta com dona Maria.*

O senhor anda a rredio ! Vá conversar um pouco com a pequena, ande ! *(Toma-o pelo braço, deixando dona Maria no meio da sala e fal-o sentar-se juncto de Francelina. Depois desce á bocca da scena e canta á meia voz a mesma copla cantada pelo Tenente-coronel.)*

COPLA

De um pae que o saiba ser, olé!
E' grande a trabalhadeira !
Faz má figura e serve até
De pau de cabelleira !

(Ao voltar-se, encontra dona Maria, que lhe toma o braço.)

DONA MARIA.

O seu braço ? Varnos dar mais uma volta ?

PASSOS PEREIRA.

Pois não, minha senhora : é a vigesima que damos hoje !

DONA MARIA, *saindo com Passos Pereira, aparte.*

Este homem será viuvo ? *(Saem. Entra o negro com a bandeja de café.)*

RAYMUNDO, *indo ao encontro do negro e distribuindo chicaras de café pelos circumstantes.*

Já tar...já tardava ! Já hoje to...tomei dose chicaras de ca... café. *(Tomando.)* Não se vae a par... parte alguma em que...que não se...se tome café !! Fui hontem fa... fazer... a bar...barba na villa, e o bar... barbeiro mandou-me uma chi...chicara de ca...café pelo a...aprendiz !...

O TENENTE-CORONEL, *sorvendo o seu no pires.*

O que vale é que este é superior, heim ?

RAYMUNDO, *apreciando.*

Um... Torra... torrado de fresco e... e... com manteiga... *(Acabam todos de tomar café. O negro reúne as chiacaras na bandeja e sae. Raymundo accende um cigarro. Os namorados estão sentados ao lado uns dos outros na seguinte ordem: Frederico, Leonor, Francelina, o Doutor ; mas sem se fallarem e olhando todos quatro para o chão.)*

O TENENTE-CORONEL, *que tem deixado o Vigario.*

O doutor não dá palavra a Leonor ! O que será aquillo ? Preciso uma explicação. *(A Raymundo.)* Venha um cigarinho dos seus.

RAYMUNDO, *dando-lhe o cigarro e depois o fogo.*

Pro... proponho um jo... jogo de... de prendas na... va... varanda ! va... valeu ? !...

TODOS, *menos os namorados.*

Valeu ! Vamos ! *(O Tenente-coronel dá o cigarro de Raymundo a Passos Pereira, que o fuma machinalmente. Saem todos, Raymundo em frente, menos o Mestre-escola, o Vigario e os namorados.)*

O MESTRE-ESCOLA, *indo ter com o Vigario.*

Diga-me uma coisa, seu vigario ? Vossa reverendissima póde me dizê duas missa depois de amenhan ? *(Bate-lhe no hombro.)*

O VIGARIO, *que tem estado a coxilar, abraçado ao violão, despertando e com impeto.*

Não vota, já lhe disse ! O João Cobó não vota, tenente-coronel ! *(Ergue-se.)*

O MESTRE-ESCOLA.

Não é disso que nós tratemo. Quero duas missa !

O VIGARIO, *sem reparar com quem falla e saindo zungado.*

Não vota ! E' bôa ! Desde 68 que está com os liberaes ! Não faltava mais nada ! (*Sae.*)

O MESTRE-ESCOLA, *acompanhando-o.*

Não é disso que nós tratemo... O' seu vigario ! seu vigario ! (*Sae.*)

SCENA II

O DOUTOR, FREDERICO, LEONOR.

Scena muda. Levam muito tempo sentados, olhando para o chão. De repente, Leonor, vendo que todos se têm retirado, levanta-se muito envergonhada e sae vivamente. Franceлина imita-a. Ficam sós o Doutor e Frederico que, depois de se olharem por algum tempo, desatam n'uma gargalhada, retomando logo o seu serio, e como que censurando assim a gargalhada um do outro.

SCENA III

O DOUTOR, FREDERICO.

AMBOS, *a um tempo.*

De que se ri ?—Como ?—Tivemos a mesma idéa !—Assim a fallarem os dous a um tempo não nos podemos comprehender !

FREDERICO.

De que se ri o doutor ?

O DOUTOR.

Eu rio-me de mim proprio. E o senhor?

FREDERICO.

Eu rio-me de mim mesmo.

O DOUTOR.

Oh! mas o senhor não está na minha situação!

FREDERICO.

Não sei; mas acredite que a minha situação é perfeitamente comica.

O DOUTOR.

Qual é a sua situação?

FREDERICO.

Diga primeiramente qual é a sua.

O DOUTOR.

Quero ceder-lhe a primasia.

FREDERICO.

E eu.

O DOUTOR.

Nesse caso, ouça... (*Entra o Tenente-coronel.*)

SCENA IV

FREDERICO, o DOUTOR, o TENENTE-CORONEL, depois DONA MARIA.

Oh! meu rico senhor doutor Pinheirinho! Ainda bem que o encontro. (*O Doutor e Frederico erguem-se.*) Meu filho, deixa-nos sós por alguns momentos.

O DOUTOR, *aparte.*

Ai, ai, ai!

FREDERICO, *saindo, aparte.*

Como hei de sahir desta alhada? (*Vae saindo e encontra dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA.

Senhor Frederico, andava á procura de seu braço!

FREDERICO.

Aqui o tem, minha senhora! (*Saem de braço dado.*)

SCENA V

O DOUTOR, O TENENTE-CORONEL, *depois* PASSOS PEREIRA, *depois* DONA MARIA.

O TENENTE-CORONEL, *depois de alguma pausa, gravemente.*

Senhor doutor Pinheirinho...ou por outra: senhor doutor Pinheiro... (*Pausa.*) Sentemo-nos. (*Sentam-se.*) O meu compadre Chico...ou por outra: Francis... Eu creio que já lhe disse isto mesmo. (*Pausa.*) Em fim, senhor doutor... Homem, vossa senhoria é um homem formado, e eu nem no Congresso Agricola fallei... Dê o desconto... (*Em outro tom, escolhendo as palavras.*) Sou pae, isto é, pae adoptivo... E' a mesma coisa! E' mais! Um pae adoptivo é pae e mãe. O padre Antonio Vieira, no sermão de Nossa Senhora do Carmo, diz que os filhos naturaes se amam porque são filhos, e os filhos adoptivos são filhos porque se amam...

PASSOS PEREIRA, *entrando.*

O' senhor doutor Pinheiro! Senhor dout... (*Estacando.*) Era segredo?

O TENENTE-CORONEL, *levantando-se.*

Não... não... fallavamos...

O DOUTOR, *vivamente, erguendo-se.*

Do padre Antonio Vieira.

O TENENTE-CORONEL, *aparte.*

Fica para outra vez.

PASSOS PEREIRA, *ao Doutor.*

Desejava fallar-lhe em particular.

O DOUTOR, *aparte.*

Bom ! Agora o outro !

O TENENTE-CORONEL.

Deixo-os. (*Ao Doutor.*) Logo fallaremos. (*Vae saindo e encontra-se com dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA.

Senhor tenente-coronel, andava á procura de seu braço !

O TENENTE-CORONEL.

Ahi o tem, senhora dona Maria !

DONA MARIA, *saindo de braço dado ao tenente-coronel, aparte.*

Porque não se quer casar este homem, meu Deus !
(*Saem.*)

SCENA VI

o DOUTOR, PASSOS PEREIRA, *depois* RAYMUNDO, *depois* DONA MARIA.

PASSOS PEREIRA.

Senhor doutor Pinheiro, o assumpto é grave... Aqui tem uma cadeira. Sentemo-nos. (*Sentam-se.*)

O DOUTOR, *aparte.*

Eu devo estar com uma cara...

PASSOS PEREIRA, *depois de grande meditação, rompendo desabridamente, o que assusta o Doutor.*

O casamento, senhor doutor... Não se assuste! O casamento, senhor doutor, é uma condição, por bem dizer, fatal, da existencia humana. Abalisados sociologistas... ou sociologos, como queira... têm dado sobre a materia a ultima palavra... Um pae educa uma filha com todos os esmeros suggeridos pelo seu bom espirito e pelo seu bom coração... Dóe-lhe a alma de vel-a depois entregue a carinhos de outra especie; mas, ah!—infelizmente têm que se submeter ao regimen commum da sociedade... Mas essa submissão, senhor doutor, não póde, não deve ser inteiramente passiva... Tenho para mim que um pae, digno desse nome sublime, é obrigado a desenvolver tal ou qual actividade, no intuito de attenuar os maus caprichos que por ventura estejam reservados pelo destino a seus filhos. Concorda?

O DOUTOR.

Inteiramente.

PASSOS PEREIRA, *aparte.*

Veio decorado de casa. (*Alto.*) O senhor, quando fôr pae... (*Com certa auctoridade.*) Que o ha de ser!

O DOUTOR, *aparte*.

Meu Deus!

PASSOS PEREIRA.

O senhor, quando fôr pae, concordará melhor.—Pois bem, senhor doutor, eu não espero por informações: venho ao encontro dellas! Porisso, aqui estou!

RAYMUNDO, *entrando e tomando o braço de Passos Pereira*.

O' se...senhor Passos Pe... Pe... Pereira! as mo... moças mandaram cha... chamal-o á va... varanda pa... para o jogo de pren...prendas.

PASSOS PEREIRA, *erguendo-se contrariado*.

Que jogo?

RAYMUNDO.

O «Se... senhor ab...abbade.»

O DOUTOR, *erguendo-se com interesse*.

Ah! um chamado de senhoras! Não póde recusar! A conferencia fica para depois.

PASSOS PEREIRA.

Tem razão, tem razão. Logo mais fallaremos! Vou já!
(*Encontra-se com dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA.

Senhor Passos Pereira, andava á procura de seu braço!

PASSOS PEREIRA.

Está ao seu dispôr, minha senhora.

DONA MARIA, *saindo de braço com Passos Pereira,*
aparte.

Ai! ai! Este homem será viuvo?

SCENA VII

O DOUTOR, RAYMUNDO.

RAYMUNDO.

Tenho-me re... rega...galado de rir á custa do... do
Fre...Frederico.

O DOUTOR.

Porque?

RAYMUNDO.

Tambem quem... quem lhe... lhe mandou prometter
ca... casamento a duas?

O DOUTOR, *aparte.*

Este tambem já sabe!

RAYMUNDO.

A le...levianda...de pó... póde...perder um homem.

COPLAS

I

A gente faz o que deve,
Si um beijo de amor furtar,
Si um dedo apertar de leve,
Ou si um pesinho pisar.

A gente a mais se atreve,
Quando é grande ladino;

Mas o casorio...

Se...sebolorio!

Fia mais fino!

II

Si meigos olhares bispo
Em ternos olhos assim...
Os meus escrupulos dispo,
Cuidando logo de mim.
Eu nada mando ao bispo,
Pois sou grande ladino...
Mas o casorio...
Se...sebolorio!
Fia mais fino!

O DOUTOR.

Já todos sabem aqui do meu ignobil procedimento! Estou bem arranjado!

RAYMUNDO.

Eu an...ando á pro...procura de...de...de um ca...casamento; mas creia que... que... pro... promes...sas não fa...faço sem ter cer... certeza de po... podel-as cum... cumprir.

O DOUTOR.

Mas quem lhe disse que prometti casamento a duas?

RAYMUNDO.

O dou...o... doutor? O Fre...Fre...derico.

O DOUTOR.

Foi o Frederico? Quem lhe diria a elle?

RAYMUNDO.

A elle...o...o...o que?

O DOUTOR.

Quem lhe diria isso?

RAYMUNDO.

Is...is...isso o que? Tenha...pa...paciencia! não sei si si já no...notou... que...que sou um...pou...pouco ga...ga...ga...gago!

O DOUTOR.

Ora! não se póde conversar com o senhor!

RAYMUNDO.

O se...senhor é que... que... atra... tra... atrapa... pa...palha tudo!

SCENA VIII

O DOUTOR, RAYMUNDO, O TENENTE-CORONEL,
depois DONA MARIA.

O TENENTE-CORONEL, *ao Doutor.*

Podemos continuar a nossa conferencia?

O DOUTOR.

Pois não... pois não...

O TENENTE-CORONEL.

Dá licença? Vá jogar as prendas... Quero dar duas palavrinhas ao doutor.

RAYMUNDO.

Ora...essa! (*Vae saindo; encontra dona Maria.*)

DONA MARIA.

Andava á procura de seu braço.

RAYMUNDO.

Oh!...oh!...mi...minha se...senhora!

DONA MARIA, *saindo de braço dado a Raymundo, apurte.*

Este, afinal de contas, á falta de outro... (*Saem.*)

SCENA IX

o DOUTOR, o TENENTE-CORONEL, *depois* o VIGARIO,
depois DONA MARIA.

O TENENTE-CORONEL.

Senhor doutor Pinheirinho... ou por outra : senhor doutor Pinheiro... sentemo-nos. (*Sentam-se.*) Vossa senhoria pediu-me hoje em casamento a mão de minha afilhada e pupilla, dona Leonor dos Santos Barbosa ; eu, reconhecendo em vossa senhoria todas as qualidades desejaveis para um marido, annui jubiloso ao pedido e...

O VIGARIO, *entrando, insuflado.*

O' tenente-coronel, diga-me uma coisa: o Florentino não foi progressista em 64 ?

O TENENTE-CORONEL, *erguendo-se, com interesse.*

Pois não ! pois não ! progressista dos quatro costados logo que appareceu em Mambucaba ! gabava-se até da amizade particular do Zacharias... E quando vocês cahiram em 68, passou para o nosso lado com armas e bagagens.

O VIGARIO.

Então ? (*Gritando para dentro.*) Está ouvindo, commendador ? Progressista em 64 ! Que homem teimoso ! Quer-me dizer a mim quem é o Florentino !

O TENENTE-CORONEL.

Pois não ! Foi progressista e bem progressista !

O VIGARIO.

Então? Eu quando digo... Obrigada, tenente-coronel.
(*Vae saindo; encontra dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA.

Andava á procura do braço de vossa reverendissima.

O VIGARIO.

Pois não, minha senhora! (*Dá-lhe o braço.*)

DONA MARIA, *saindo com o Vigario, aparte.*

Este não póde casar... E' pena... Toca tão bem violão.
(*Saem.*)

SCENA X

o DOUTOR, o TENENTE-CORONEL, *depois* o MESTRE-ESCOLA, *depois* DONA MARIA.

O TENENTE-CORONEL.

O Florentino é um vira-casaca! Quando cahirmos, ha de ver que passa para os liberaes. A sua unica virtude é ser damnado nas eleições, mas tambem não me fio muito nisso, porque a arrogancia nos robustos é maior que a valentia, como diz o padre Vieira. (*Outro tom.*) Senhor doutor Pinheiro. (*Sentando-se.*) Onde estavamos? Ah! (*Outro tom.*) Eu, reconhecendo em vossa senhoria todas as qualidades desejeveis em um marido, annui ao pedido, depois de consultar minha pupilla e afilhada.—Ora, vendo que vossa senhoria, no mesmo dia em que foi tractado o seu casamento com ella, como que a evita e nem siquer olha...

O MESTRE-ESCOLA, *entrando a correr e agarrando o*
Doutor.

Seu doutô! seu doutô!...

O TENENTE-CORONEL, FREDERICO, *erguendo-se.*

O que é isto ?...

O MESTRE-ESCOLA.

Como eu tinha pagado prenda no jogo do «Senhô abbade», me saiu de sentença vi buscá seu doutô Pinheirinho e levá elle p'r'a varanda.

O DOUTOR, *aparte.*

Felizmente. (*Ao Tenente-coronel.*) Já vê que não ha remedio...

O TENENTE-CORONEL.

Fica para outra vez !

O MESTRE-ESCOLA.

Vamo, que elles lá dentro já está cansado de esperá.

O DOUTOR.

Vamos ! Vá adiante... Não é preciso agarrar-me ! (*Sae o Mestre-escola, dando um encontrão em dona Maria.—A dona Maria.*) Já sei, minha senhora: anda á procura de meu braço. Aqui o tem ! (*Dá-lhe o braço e sae com ella.*)

SCENA XI

O TENENTE-CORONEL.

E nada de explicações ! Quando vamos chegando á falla, somos interrompidos ! No entanto, preciso... quero saber que explicação tem tudo isto ! Ah ! uma pupilla ! uma pupilla !...

COPLAS

I

Resgata os nossos muitos peccados
Uma pupilla do nosso amor ;
Si um pae zeloso tem mil cuidados,
Os tem maiores um bom tutor.
Constantemente mettido em dansas,
Este, coitado, tem que se achar ;
Dictos, motejos, desconfianças
Tem costas largas para aguentar.

II

Não tem vontades, não tem direitos,
Um desgraçado, pobre tutor ;
Os seus affectos estão sujeitos
Ao juiz d'orphams e ao curador.
E', todavia, queira ou não queira
Pae como aquelles que mais o são ;
'Stou convencido que o padre Vieira
Tinha, oh ! si tinha ! muita razão.

*Entram todas as senhoras, menos Francelina e Leonor,
perseguidas pelos homens, que trazem á sua frente
Raymundo. A musica das coplas prende-se á do côro.*

SCENA XII

o TENENTE-CORONEL, o DOUTOR, FREDERICO,
PASSOS PEREIRA, RAYMUNDO, o VIGARIO, o
MESTRE-ESCOLA, DONA MARIA, CONVIDADOS DE AM-
BOS OS SEXOS.

OS HOMENS, *empurrando Raymundo e perseguindo as
senhoras.*

Ha de beijal-as !
Ha de abraçal-as !
Peça licença :
Cumpra a sentença !

AS SENHORAS, *fugindo*.

Não me abraçará !
Não me beijará !
O que ! O que !
Não vê ! Não vê !

OS HOMENS.

Ha de abraçar !

AS SENHORAS.

Não ha de abraçar !

OS HOMENS.

Ha de beijar !

AS SENHORAS.

Não ha de beijar !

O TENENTE-CORONEL.

Que bulha, ó Christo !
P'ra que gritar ?
Expliquem-me isto,
Sem mais tardar !

RAYMUNDO.

Vou-lhe explicar...

O TENENTE-CORONEL.

Tenha a bondade.

RAYMUNDO.

No jogo do «Senhor abbade»
Mui...mui...mui...muitas prendas pago,
Porque sou gago ;
Tive esta sentença,
Que procuro cumprir sem detença...

PASSOS PEREIRA.

Abraçar
E beijar
As moças uma por uma,
Seja por bem ou por mal.

RAYMUNDO.

Eu em cumprir sentença tal.
Não sinto re...
Não sinto re...
Não sinto repugnancia alguma,
Olé !

CÔRO.

Não sente re...
Não sente re...
Não sente repugnancia alguma,
Olé !

DONA MARIA.

Os beijos e abraços
Por todas terei !
Eu abro-lhe os braços:
Zangar-me não sei !

OS HOMENS.

Não serve! não serve!

{ Ha de abraçar-as! etc.

AS SENHORAS.

{ Não me abraçará! etc.

Saem os homens, perseguindo as senhoras. O Doutor, ao sair, é agarrado pelo fato pelo Tenente-coronel.)

SCENA XIII

O TENENTE-CORONEL, o DOUTOR, *depois* LEONOR,
TODOS OS PERSONAGENS DO ACTO, E ALGUNS NEGROS.

O TENENTE-CORONEL.

Nada, senhor doutor! Desta vez havemos de chegar á falla!

O DOUTOR, *aparte, resolutamente.*

Acabemos com isto! (*Alto.*) Pois bem! sentemo-nos!
(*Sentam-se.*) Quero ser franco com o tenente-coronel.

LEONOR, *vindo do fundo, aparte.*

Uma conferencia! O que será?...

O DOUTOR.

Senhor tenente-coronel, eu prometti casamento á filha do Passos Pereira...

LEONOR.

Ah! (*Cae n'uma cadeira com um ataque de nervos.*)

O TENENTE-CORONEL, *erguendo-se sobresaltado, bem como o Doutor.*

Meu Deus !...O que é isto?! Minha filha ! minha filha ! acudam !...

Entrada ruidosa de todos os personagens.

FINAL

CÔRO GERAL.

Oh ! ceus ! oh ! ceus !

Que succedeu ?!

Valha-nos Deus !...

Que aconteceu ?!

O que terá

Dona Leonor ?

Alguma dôr

Será ?!

O que lhe dóe ?

Que foi ? Que foi !...

Que aconteceu ?!

Que succedeu ?!

O TENENTE-CORONEL, *desesperado, ao pé da filha, que espernea.*

Tragam vinagre ! O caso é grave !

(A um negro, dando-lhe uma chave.)

Tral-o do armario : ahi tens a chave !

Durante o côro, o escravo volta com um galheteiro. O Tenente-coronel dá a cheirar vinagre a Leonor, que volta a si aos poucos. Enquanto todos estão occupados com Leonor, Passos Pereira traz Frederico á bocca da scena; Francelina acompanha este movimento.

PASSOS PEREIRA.

A sua explicação deve ser dada já !

FREDERICO.

Eu tudo explicarei.

FRANCELINA, *aparte*.

O que é que explicará ?

FREDERICO.

Prometti casamento a Leonor...

FRANCELINA.

Ah!...

Cae n'uma cadeira com um ataque de nervos. Desespero de Passos Pereira. Todas as atenções voltam-se para Francelina.

CÔRO.

Bonito ! Bonito !
Agora é por cá !
Mais um faniquito !
Contagio será ?

PASSOS PEREIRA.

Tragam vinagre ! o caso é grave !

O negro tem já levado o galheteiro e restituído a chave ao Tenente-coronel, que lh'a entrega agora de novo.

O TENENTE-CORONEL.

Tral-o do armario: ahi tens a chave.

Durante o côro, Francelina volta a si, aspirando o vinagre que o negro traz.

LEONOR, FRANCELINA, *vindo ao proscenio.*

Perjuro, perfido,
Que eu amei tanto,
Desprezo indomito
Mereces bem !
Meu Deus ! n'um apice
Quebrou-se o encanto !
Ingrato, voto-te
Fero desdem !

O TENENTE-CORONEL.

Que trapalhada !
Que confusão !
Pede a charada
Decifração !

FREDERICO, O DOUTOR.

'Stá despeitada !
Podéra não !
De estar zangada
Tem bem rasão !

DONA MARIA.

Realisada,
Podéra não !
Verei, casada,
Minha ambição !

OS OUTROS E COROS.

Que trapalhada !
Que confusão !
Pede a charada
Decifração !

O VIGARIO, *agarrando no violão com energia.*

Atenção !
P'ra que finde este zum-zum,
Vou cantar ao violão
Um boliçoso lundum,
De minha composição !

TODOS.

Venha o lundum!

O VIGARIO *senta-se e afina o instrumento. Prestam-lhe todos
muita attenção.*

LUNDUM.

I

Toda a gente
Logo sente
Nos maldictos
Faniquitos,
Diabruras,
Travessuras
De Cupido
Destemido!

Dorme em paz meu coração,
Ai!

Dorme em paz, meu coração,
Que as Marocas
E Xandocas
E Bicotas
E Nicotas

Tyrannas são,
Ai, sim! tyrannas são!

CÔRO.

Que as Marocas,
Etc.

O VIGARIO.

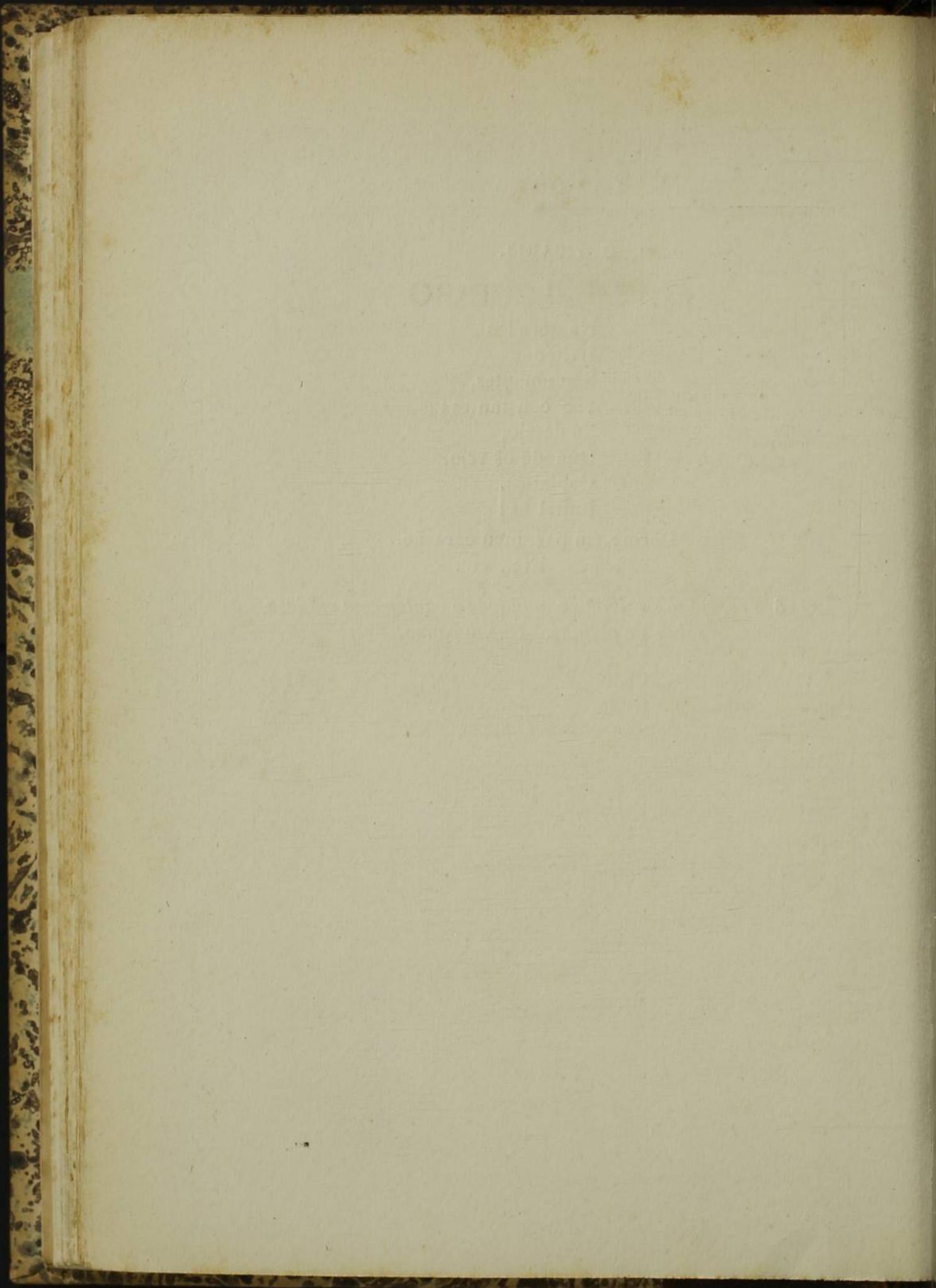
II

Namorados
Irritados
São amantes,
São constantes ;
Só desejo,
Quando os vejo,
Copial-os,
Imital-os !

Dorme em paz, meu coração,
Etc., etc.

*O côro repete o estribilho e applaude o cantor com ruidosa
salva de palmas.—Cae o panno.*





ACTO TERCEIRO

Terreiro da fazenda. A' esquerda, a casa com alpendre. Cerca e tranqueira aberta. Em perspectiva a senzala, e morros, com plantações de café. A' direita uma grande arvore, á sombra da qual está um banco de jardim. Instrumentos aratorios, etc. Ao levantar o panno, a scena está vazia. Ouve-se ao longe o coro com que termina o primeiro acto, que se suppõe entoado pelos escravos no eito. Raymundo sae de casa.

SCENA PRIMEIRA

RAYMUNDO, *depois* o TENENTE-CORONEL.

RAYMUNDO.

Dor...dor...minhocos! Não sabem go...gosar a fres... fresca da manhan! (*Sae pela tranqueira. Aparece o Tenente-coronel da esquerda e grita para dentro.*)

O TENENTE-CORONEL.

Olá! ó moleque! não vêes que a porta do chiqueiro está aberta, e que d'aqui a nada os porcos estão fossando na horta, excommungado! Vae fechar a cancella, moleque! E de caminho, muda aquella agua da gamella, diabo! (*O Vigario tem entrado da direita.*)

SCENA II

o TENENTE-CORONEL, o VIGARIO.

O VIGARIO.

Não falle no diabo, que é peccado!

O TENENTE-CORONEL.

Olá, reverendo...desculpe...Aquillo é uma gente damnada ! E então depois da lei de 28 de setembro ! (*Aper-tando a mão ao Vigario.*) Como vae essa catholica ? Eu estava á espera de vossa reverendissima.

O VIGARIO.

Estou ás suas ordens. Não me fiz esperar. (*Senta-se no banco.*)

O TENENTE-CORONEL.

Desculpe o sacrificio que o obriguei a fazer.

O VIGARIO.

Qual sacrificio ! Eu gosto de levantar-me cedo, e ver despontar a aurora.

O TENENTE-CORONEL.

A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia dos ares, a vida e o alento do mundo, como diz o padre Vieira.—Mas vamos ao que serve.

O VIGARIO

Negocio politico ?

O TENENTE-CORONEL.

Qual negocio politico ! Tracta-se mesmo disso !

O VIGARIO.

Recebeu jornaes da côrte ?

O TENENTE-CORONEL.

Recebi o *Jornal do Commercio* e o *Mequetrefe*, que traz o meu retrato.

O VIGARIO.

Vio aquelle artigo contra o Benicio ?

O TENENTE-CORONEL.

Ah! sim... uma mofina...

O VIGARIO.

Que tal achou?

O TENENTE-CORONEL.

Passei os olhos... não li.

O VIGARIO

Não leu? (*Tirando da algibeira um numero do Jornal do Commercio*) Pois ouça... (*Lendo.*) «O infeliz municipio de...»

O TENENTE-CORONEL, *interrompendo.*

Não! Agora não, reverendissimo. Não se tracta do Benicio. Tomei a liberdade de mandar chamal-o para tractarmos de um assumpto mais serio...

O VIGARIO.

Mas...

O TENENTE-CORONEL.

Demais, eu sou franco: não gosto de descompusturas anonymas... O homem deve dizer o que pensa sob sua immediata e absoluta responsabilidade...e de frente; isto de andar a insultar os outros de mascara no rosto e a seis vintens por linha, não me parece decente.

O VIGARIO.

Pois você queria que eu, um vigario, assignasse isto?

O TENENTE-CORONEL.

Ah! perdão! eu não sabia que o artigo era de vossa reverendissima.

O VIGARIO.

E' que não está ao facto da maroteira que o Benicio praticou comigo ! Pediu-me que protegesse a sua eleição, que me empenhasse com os nossos co-religionarios... fiz-lhe o que não se faz a um filho... Cheguei a ponto de pedir uma vez aos meus parochianos, em uma pratica depois da missa, que votassem nelle ! Bem ! pilhas-me na côrte... Escrevo-lhe uma carta, pedindo um emprego para meu sobrinho Esequiel, filho de meu irmão Custodio... um emprego no Correio para um primo de minha cunhada... um lugar na Estrada de Ferro para um parente, que é alferes honorario do exercito e tem serviços de campanha... que arranjasse na instrução publica...

O TENENTE-CORONEL.

Vossa reverendissima pediu tanta coisa a um só tempo !

O VIGARIO.

Não o defenda, tenente-coronel, não o defenda ! Aquillo é um cão ! (*Levantando-se e querendo lêr o artigo.*) «O infeliz municipio de...»

O TENENTE-CORONEL, *tomando-lhe o jornal.*

Depois...depois...Deixemos por um momento a politica e ouça !

O VIGARIO, *contrariado,*

Vamos lá... o que deseja você ?

O TENENTE-CORONEL.

Vossa reverendissima assistiu a todo aquelle escandalo de hontem, não ? Chamei-o para fazer o favor de dizer-me o que pensa de tudo aquillo e ajudar-me com os seus conselhos.

O VIGARIO.

Assisti, é verdade... mas não comprehendi... Vi que sua afilhada teve um faniquito... que a filha do tal Passos Pereira teve outro... Entre parenthesis: não sympathiso muito com o tal Pereira... Um sujeito sem opiniões politicas, homem! Não é cidadão brasileiro!

O TENENTE-CORONEL.

E vossa reverendissima a dar-lhe com a politica!

O VIGARIO.

Vi que entre seu filho, sua afilhada, a filha do Pereira e o doutor Pinheirinho havia qualquer coisa... o que, aliás, foi notado por todos... mas, com franqueza, não pude perceber o que era!

O TENENTE-CORONEL.

Nem eu. Era uma salsada que ninguem entendia... Mas o que me aconselha, padre mestre? Vossa reverendissima comprehende que é preciso tirar este negocio a limpo.

O VIGARIO.

Onde estão elles?

O TENENTE-CORONEL.

Todos recolhidos ainda.

O VIGARIO.

Reuna-os, e que se expliquem! E' facilimo!—Ahi vem o homem sem opiniões politicas! (*Passos Pereira tem saído de casa.*)

SCENA III

O TENENTE-CORONEL, o VIGARIO, PASSOS PEREIRA.

PASSOS PEREIRA.

Ora muito bom dia ! O senhor tenente-coronel madrugou !—Já por cá, reverendissimo ?

O VIGARIO, *apertando-lhe a mão.*

Como vê.

O TENENTE-CORONEL, *apertando a mão de Passos Pereira.*

Passou bem a noite ?

PASSOS PEREIRA.

Foi um somno só. (*Aparte.*) Não preguei olho... (*Alto.*) E o senhor ?

O TENENTE-CORONEL.

Perfeitamente. (*Aparte.*) Passei a noite em claro.

PASSOS PEREIRA.

O que me diz dos acontecimentos de hontem ?

O TENENTE-CORONEL.

■ Precisamos conversar a esse respeito.

O VIGARIO.

Nesse caso, com sua licença... Ainda não se toma café cá por casa ?

O TENENTE-CORONEL.

. Ha que tempos ! Entre. A Thomazia lá está para ser-

vil-o. (*Gritando para casa.*) O' Thomazia, serve ahi ao senhor vigario!

O VIGARIO, *encaminhando-se para casa.*

De café, Thomazia, de café.—Até já. (*Sae.*)

SCENA IV

O TENENTE-CORONEL, PASSOS PEREIRA, *depois*
DONA MARIA.

PASSOS PEREIRA.

Senhor tenente-coronel, minha filha teve a honra de ser pedida em casamento por seu filho.

O TENENTE-CORONEL.

Devéras? E o maroto não me dizia nada!

PASSOS PEREIRA.

Essa circumstancia explica a minha presença aqui... Vim tomar informações com o doutor Pinheiro... O senhor tambem é pae, e comprehende perfeitamente... (*Com ares de orador.*) que a responsabilidade moral pelo futuro dos filhos pesa immediatamente sobre as costas desses novos Antheus, que se chamam paes.

O TENENTE-CORONEL.

Apoiado!—Mas isso não justifica os faniquitos...

PASSOS PEREIRA.

Definamos as situações, senhor tenente-coronel, definamos as situações! Seu filho não dirige uma palavra á noiva... não se senta ao seu lado... não olha para ella... O que quer isto dizer?

O TENENTE-CORONEL.

Não sei... mas é facil sabel-o... Ha de ser tudo posto em trocos miudos... Si meu filho prometteu casamento a sua filha, ha de cumprir por força a sua palavra ! por força ! Vou mandar chamal-o. (*Para o fundo.*) O' Simplicio ! vae lá dentro dizer a senhor moço que o espero aqui no terreiro. (*Um negro atravessa a scena e entra na casa, donde sae algum tempo depois,*)

PASSOS PEREIRA.

Tenho andado apoquentadissimo... Quero muito bem a esta menina... O senhor comprehende... A pobresinha não tem mãe...

O TENENTE-CORONEL.

Ah ! o senhor é viuvo ?

PASSOS PEREIRA.

Sou, mas tornei a casar, para dar-lhe segunda mãe. (*Apparece dona Maria á porta da casa.*) Francelina tinha cinco annos quando enviuei...

DONA MARIA, *aparte, descendo.*

Quando enviuvou ! Ah ! elle é viuvo, meu Deus, elle é viuvo !...

O TENENTE-CORONEL, *aparte, vendo dona Maria.*

Bom ! começa a amollação !

DONA MARIA, *approximando-se.*

Senhor tenente-coronel, muito bom dia... Bom dia, senhor Passos Pereira...

O TENENTE-CORONEL.

Dona Maria...

PASSOS PEREIRA.

Minha senhora...Passou bem a noite?

DONA MARIA.

Não...não... Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite...

PASSOS PEREIRA.

Com sua irman das Lorangeiras?

DONA MARIA.

Não! Coitada de minha irman! (*O Tenente-coronel vae sentar-se de mau humor no banco.—A' meia voz.*) Sonhei com um homem...

PASSOS PEREIRA.

Um homem?

DONA MARIA.

Falle baixo.—Um viuvo.

PASSOS PEREIRA.

Ah!

DONA MARIA.

Não percebeu... Oh! os homens são cegos! (*Alto.*) Dê-me o seu braço, senhor Passos Pereira; vamos até á horta...

PASSOS PEREIRA, *contrariado, dando-lhe o braço e saindo com ella.*

Pois não, minha senhora.—Tenente-coronel, eu volto já...

O TENENTE-CORONEL, *depois que saem, erguendo-se furioso.*

Esta mulher é como a lavoura: está sempre a pedir braços! (*Entra Frederico, vindo de casa.*)

SCENA V

O TENENTE-CORONEL, FREDERICO.

FREDERICO.

A bençam, meu pae?

O TENENTE-CORONEL, *dando-lhe a mão a beijar, sombrio.*

Santinho.

FREDERICO.

Mandou chamar-me?

O TENENTE-CORONEL.

Mandei, sim, senhor... Venha cá... (*Levando-o para o banco e sentando-se ao lado delle.*) Sente-se aqui... Estou muito zangado com você...

FREDERICO, *aparte.*

Aguenta-te no balanço, Frederico!

O TENENTE-CORONEL.

Então acha você que isto de casamento é brincadeira de creança, heim?

FREDERICO, *aparte.*

Leonor queixou-se... (*Alto.*) Foi uma leviandade, meu pae... uma creançada de que me tenho arrependido de véras...

O TENENTE-CORONEL.

Vem tarde o arrependimento... Demais, ella é digna de você...

FREDERICO.

Dignissima! Oh! mas depois que vi a outra! (*Erguem-se ambos.*)

O TENENTE-CORONEL.

A outra ? Temos outra !

DUETTINO

A outra é muito mais graciosa,
Tem mais encantos para mim ;
Nunca vi moça mais garbosa,
Não, nunca vi mulher assim !
A outra é bella entre as mais bellas,
E' gentil entre as mais gentis !
Convicto estou que de ambas ellas
A outra só far-me-á feliz.

O TENENTE-CORONEL.

Este mundo velho
De catrambias vae :
Falla assi'um fedelho
Nas barbas do pae !
Que bonita historia !
Que bonito angú !
De uma palmatoria
Precisavas tu !

FREDERICO.

Por ella suspiro de noite e de dia !

O TENENTE-CORONEL.

Do que precisavas, velhaco, bem sei !

FREDERICO.

Amor dos amores
Minh'alma enebria !

O TENENTE-CORONEL.

O' tempora ! ó mores !
Nada mais direi.

FREDERICO.

Por ella suspiro de noite e de dia !
 Que exista outro affecto mais puro não sei!
 Amor dos amores
 Minh'alma enebria !
 Por ella de flôres
 A vida terci.

O TENENTE-CORONEL.

Por ella suspira de noite e de dia !
 Do que precisavas, velhaco, bem sei !
 Amor dos amores
 Su'alma enebria !
 O' tempora, ó mores !
 Nada mais direi.

O TENENTE-CORONEL.

A outra ? Qual outra ? Valha-me Deus, pois lembraste-te de outra, quando sabes que o pae...

FREDERICO.

Que pae ? Ella não tem pae ! Só si é vocemecê.

O TENENTE-CORONEL.

Eu ? Então eu sou pae da filha do Passos Pereira, rapaz ?

FREDERICO.

A outra é filha delle.

O TENENTE-CORONEL.

Que trapalhada, sancto Deus ! A outra é ; e a outra quem é ?

FREDERICO.

Expliquemo-nos: eu prometti casamento a duas.

O TENENTE-CORONEL.

Mas quem é a outra ?

FREDERICO.

A filha de Passos Pereira.

O TENENTE-CORONEL.

Essa é uma ; e a outra ?

FREDERICO, *naturalmente.*

Leonor !

O TENENTE-CORONEL, *admirado.*

Leonor !...

SCENA VI

O TENENTE-CORONEL, FREDERICO, O VIGARIO,
depois PASSOS PEREIRA, DONA MARIA.

O VIGARIO, *acariciando o abdomen.*

Agora sim ! entrei n'um bolo de milho, que não lhe
achei espinhas nem ossos !

O TENENTE-CORONEL, *a Frederico.*

Então não cumprimentas o senhor vigario ?

FREDERICO.

Já nos fallámos lá dentro.

O TENENTE-CORONEL.

Urge desembrulhar esta meada. Aquella maldicta dona
Maria lá carregou com o Passos Pereira para a horta.

O VIGARIO.

Esta dona Maria não me parece ter lá muito juizo ! Está sempre a pedir-me o braço... sempre a dizer que toco bem violão !

FREDERICO.

Elles ahi vêm. (*Entram Passos Pereira e dona Maria, de braço dado.*)

O TENENTE-CORONEL.

O doutor Pinheirinho está fazendo falta...

DONA MARIA.

Então ! tomou o seu café, senhor vigario ?

O VIGARIO.

E' verdade, minha senhora... e com um bolo de milho...

DONA MARIA, *deixando o braço de Passos Pereira e indo apertar a mão a Frederico.*

Como passou a noite ?

FREDERICO.

Um somno só. (*Aparte.*) Não preguei olho. (*Alto.*) E a senhora ?

DONA MARIA.

Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite... (*Baixinho.*) com um moço...

FREDERICO.

Um moço ?

DONA MARIA.

Falle baixo.—Um moço solteiro...estudante...

FREDERICO.

Ah! (*Aparte.*) Dir-se-ia uma declaração!

O TENENTE-CORONEL, *de mau humor, apontando para dona Maria.*

Decididamente aqui não arranjam nada! Senhor vigário, Frederico, senhor Passos Pereira, vamos para a sala de visitas...

FREDERICO.

Vamos. (*Aparte.*) Devo estar com uma cara...

OS QUATRO.

Com licença, senhora dona Maria. (*Entram em casa.*)

SCENA VII

DONA MARIA, depois RAYMUNDO.

DONA MARIA, só.

Anda uma balburdia nesta casa, que só Deus sabe... O que eu desejo, no meio de tudo isto, é não ficar sem casamento... Apre, que não é sem tempo! (*Tirando um livro do bolso.*) Vou ler este romance, que me mandou da côrte minha irman das Lorangeiras... *As mulheres de bronze*... Ah! de bronze é que eu queria ser! (*Senta-se no banco e abre o romance. Aparece ao fundo Raymundo, montado n'um burro.*)

RAYMUNDO.

Eh! eh! Olá! (*Apea-se e entrega o animal a um negro que aparece.*) Vae guardar...o...o outro! (*O negro sae, levando o animal pela redea. Raymundo desce á scena.*)

DONA MARIA.

Já de volta de seu passeio, senhor Mundico? (*Aparte.*)
Este, á falta de outro...

RAYMUNDO, *aparte.*

Gos...gostei do... Mundico. (*Alto.*) E' ver... verdade,
mi... minha senhora. Esta gen...te a...aqui não sabe
go...gosar... e fica na ca...na cama até que...que horas!
(*Indo apertar-lhe a mão.*) Como pa...passou a...a noite?

DONA MARIA.

Mal... Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda
a noite com um...moço...

RAYMUNDO.

Um mo...moço?

DONA MARIA.

Falle baixo.—Um moço gago...

RAYMUNDO, *aparte.*

A velha es...está-me fa...fazendo uma de...decla...
declaração!...

DONA MARIA.

Vamos dar um passeio até á horta?

RAYMUNDO.

Pois não! (*Aparte.*) Eu pre...preferia uma chi...chi-
cara de café... (*Dá-lhe o braço.*)

DOA MARIA, *saindo com elle.*

Ai, ai, senhor Mundico! (*Aparte.*) Deixem lá... elle não
é tão feio...

RAYMUNDO.

Pa...pa...pa... (*Saem. Não se ouve o resto.*)

SCENA VIII

LEONOR, *que sae de casa.*

Não me posso esquecer de sua perfidia! Mas não sou eu igualmente culpada? O que elle praticou não pratiquei tambem? Tenho acaso o direito de queixar-me? Que horrivel situação, meu Deus, que horrivel situação!

RONDO'-VALSA

Que situação!
O direito não ter de accusal-o!
Duplo perdão
Deve ser de nós ambos regalo!
Tremendo estou,
Pois não sei si faremos as pazes!
Quem me mandou
Terno amor jurar a dous rapazes?
Eu tremo... tremo,
Soluço e choro,
Soluço e gemo,
Pois que o adoro
Com tanto extremo
De amor... de amor,
Que, si perdesse
Fortuna tanta,
O' virgem sancta,
Talvez morresse
De dôr... de dôr!
Esta triste aventura,
Que, aliás, faz rir,
De licção, por ventura,
Poderá servir!
Que situação!
etc., etc.

SCENA IX

LEONOR, o DOUTOR PINHEIRO.

O DOUTOR, *depois de alguma pausa.*

Leonor... é preciso haver entre nós uma explicação clara e positiva...

LEONOR.

Não quero outra coisa. (*Indo sentar-se no banco Pausa.*)
O senhor ama-me?

O DOUTOR.

E m'ó pergunta?

LEONOR, *com simplicidade.*

Eu amo-o tambem. Casemo-nos... Não sei para que mais explicações...

O DOUTOR.

São ociosas... são.

LEONOR.

Eu já me esqueci do que o senhor fez...

O DOUTOR.

Esqueceste? Ah! estou perdoado!!

LEONOR, *um tanto admirada.*

Está.

O DOUTOR, *cahindo-lhe aos pés.*

Obrigado, Leonor... Obrigado! (*Beijando-lhe ardentemente as mãos.*) Tiraste-me do coração um peso de seis arrobas!

LEONOR, *timidamente.*

Agora espero que me perdoará tambem...

O DOUTOR, *sempre de joelhos.*

Que te perdoarei? O que?... (*Perplexo. Levanta-se lentamente.*)

LEONOR, *aparte.*

Ai! que elle de nada sabe! Ainda bem! (*Alto.*) Perdoar-me... não o ter perdoado ha mais tempo...

O DOUTOR.

Não fallemos mais nisso. O que deves é ajudar teu noivo a ver-se livre do Passos Pereira.

LEONOR.

O que tem o Passos Pereira?

O DOUTOR.

Vem buscar o cumprimento da promessa de casamento que eu fiz á filha...

LEONOR.

Ella ahi vem... Deixa-nos sós... Hei de desenganal-a.

O DOUTOR.

Desengana... desengana... (*Aparte.*) Que papel estou eu representando, meu Deus do ceu!

SCENA X

LEONOR, FRANCELINA.

FRANCELINA, *friamente.*

Bom dia, dona Leonor.

LEONOR, *no mesmo.*

Bom dia, dona Francelina.

FRANCELINA.

Passou bem a noite ?

LEONOR.

Perfeitamente, obrigada. (*Aparte.*) Em claro. (*Alto.*) E a senhora ?

FRANCELINA.

Bem, obrigada... (*Aparte.*) Não dormi cinco minutos. (*Vae sentar-se no banco.*)

LEONOR, *depois de um momento de silencio.*
Estava morta por vel-a.

FRANCELINA.

Sim ? Porque ?

LEONOR.

E' preciso que...que nos expliquemos.

FRANCELINA.

A respeito de... ?

LEONOR.

Sim senhora: a respeito de...

FRANCELINA.

Com mil vontades.

LEONOR, *indo sentar-se ao lado della e ameigando a voz.*

Dona Francelina... a senhora não se zangue comigo... mas..elle não o ama.

FRANCELINA, *erguendo-se vivamente, aparte.*

Elle ! Frederico ! (*Alto.*) Como não me ama, si me pediu em casamento ?

LEONOR, *erguendo-se.*

Foi uma leviandade... Tambem me pediu a mim... E hontem...

FRANCELINA.

A mim já me havia pedido a muito mais tempo! Tenho o direito de antiguidade.

LEONOR.

Os ultimos são os primeiros. Demais, eu não quero saber si a senhora é mais antiga do que eu...

FRANCELINA.

Mais antiga, não! Olhe lá, heim?

LEONOR.

O que sei é que ainda agora mesmo, nesse logar em que a senhora está, acabou elle de confessar que me ama.

FRANCELINA, *aparte.*

Oh! perfido! (*Alto.*) Vou dizer tudo a papae... porque, minha senhora, estes negocios devem liquidar-se entre os homens!

LEONOR.

Mas que teima de moça! Elle não gosta da senhora!...

FRANCELINA.

Mas eu gosto d'elle, está! Não cedo! (*Aparte.*) Era o que faltava! o meu Frederico!

LEONOR.

Nem eu tão pouco, ouvio?... ouvio?... (*Aparte.*) Tivhamos que ver! o meu Pinheirinho!

DUETTINO

FRANCELINA

Não cedo ! não cedo ! não cedo !
Não me faltava mais nada !
 Não vê ! não vê !

LEONOR,

Não tenho medo,
Nem de você,
Nem d'outra mais pintada !

FRANCELINA.

Não seja malcriada !

LEONOR.

Não seja arrebitada !
E escute lá ;
Talvez não saiba o que aqui está !

I

Como uma princeza
Tive educação,
Lingua portugueza
Sei com perfeição ;
Toco bem piano,
Danso muito bem,
E a cortar um panno
Não me ganha alguém !
 Sei ler,
 Escrever
Sommar e diminuir.
Multiplicar e repartir.

II

Que até sou pacata
Ninguém negará;
Moça mais cordata
Cuido que não ha;
Mas, quando a mostarda
Chega-me ao nariz,
Faço uma bernarda,
Mato por um triz !
Sei dar
Esmurrar
Applicar cem pescoções
E quatrocentos bofetões !

SCENA XI

LEONOR, FRANCELINA, o DOUTOR.

Francelina e Leonor vão engalfinhar-se, quando se mette de permeio o Doutor, que apanha de ambas.

O DOUTOR.

O que é isto ? o que é isto ?...

LEONOR.

Chegou a proposito. (*A Francelina*) Elle aqui está ; expliquemo-nos !

O DOUTOR, *timidamente a Leonor.*

Então assim é que a desenganaste ?

FRANCELINA.

Mas não é este...

LEONOR.

Não é este?...

FRANCELINA.

Não! é o Frederico!...

LEONOR, O DOUTOR.

Ah! é o Frederico que...!

SCENA XII

LEONOR, FRANCELINA, o DOUTOR, o TENENTE-CORONEL.

O TENENTE-CORONEL, *apparecendo á porta da casa.*O' Leonor! Dona Francelina! Doutor!... (*Sacudindo-lhe a mão.*) Como passou a noite?

O DOUTOR.

Bem, obrigado. (*Aparte.*) Passei-a em claro.

O TENENTE-CORONEL.

Venham todos explicar-se á sala de visitas... Lá temos estado—o vigario, o senhor Passos Pereira e eu... Mas quanto mais nos explicamos, mais embrulhamos a meada. A presença de vocês tres é indispensavel. Venham!

TODOS.

Vamos!

O DOUTOR, *aparte.*O Frederico... como diabo?... Estou fazendo uma bonita figura! (*Entram todos na casa. A scena fica um instante vazia.*)

SCENA XIII

O MESTRE-ESCOLA, depois OS MENINOS DA ESCOLA, CLORINDO, SALUSTIANO, FABRICIO.

O MESTRE-ESCOLA, *entrando cautelosamente.*

Ninguém! Nós entremo pelo terreiro, para a surpresa sê mais maió. Foi uma boa lembrança. Venho com todos os menino da escola comprimentá o tenente-croné pela chegada de seu filho Ferderico. (*Para fóra.*) Psio! Venhum tudo!

Musica. Entrada de um côro de rapazes de seis até quinze annos, fazendo uma escada. Entre elles, Salustiano e Fabricio. Depois do mais pequenino está Clorindo, adulto e barbado. Cada um traz um ramilhete na mão.

CORO DE RAPAZES

Menino da escola semos
E mais que o mestre sabemos,
Pois todos este menino
Sabe a cartilha di có,
Tanto os pequenino,
Como os mais maió!

O MESTRE-ESCOLA, *ao publico.*

E' um gostinho! Querem vê?
(*Aos rapazes.*) Digam lá o a b c!

OS RAPAZES.

A. B
C. D.
E. F. G. H.
I. J. K.
L. M. N. O. P.
Q. R. S. T.
U. V.
X. Y. Z.

O MESTRE-ESCOLA.

COPLAS

I

Este bello municipio
E'-me muito devedô;
Dos progresso das sciencia
Sempre na vanguarda tou.
Por isso da rosa o habito
Em breve recebê vou !

CÔRO.

Ai ! ai !
Por isso da rosa o habito
Em breve recebê vae.

O MESTRE-ESCOLA.

II

Quando eu tivé a teteia,
Hei de dá um bom jantá ;
Os juiz e seu vigario
Convidadinho será.
E, durante um mez, da pandiga
Tudo aqui ondem fallá !

CÔRO

Ah ! ah !
E durante um mez, da pandega
Tudo aqui ondem fallá !

O MESTRE-ESCOLA.

Vamo ! vamo fazê mais um ensaio do discurso !—Salus-
triano, diga lá.

SALUSTIANO, *aproximando-se e declamando*
Senhô tenente-croné, si bem que sejamos...

O MESTRE-ESCOLA, *emendando*.

Que séjamos, Salustriano, que séjamos ! Prencipia outra vez do prencipio.

SALUSTIANO.

Senhô tenente-croné, si bem que sejamos...

O MESTRE-ESCOLA.

Ah ! é assim ? (*Tira uma ferula da algibeira e dá duas palmatoadas em Salustiano.*) Dá cá o discurso ! Leia você, Fabricio...

FABRICIO.

Eu não sei, não senhô ! (*Desata a chorar. O Mestre-escola procura outro com os olhos.*)

OS MENINOS, *chorando*.

Nem eu, não senhô !

O MESTRE-ESCOLA.

Clorindo, tu é que vae sarvá a situação, meu véio !... (*Dá-lhe o discurso.*)

CLORINDO, *lendo como nas escolas, soletrando e cantando*.

« Senhor tenente... c,o,co,r,o,ro... senhor tenente-cornel... »

O MESTRE-ESCOLA.

Croné...croné...

CLORINDO, *continuando*.

« Senhor tenente-croné, si bem que s,e se... »

O MESTRE-ESCOLA.

Séjamos ! Essa palavrinha tá diffice, tá ! Dá cá, deixa emendá. (*Tira um lapis e emenda.*) Si bem que semos... Prencipia de novo do prencipio.

CLORINDO, *no mesmo.*

Senhor tenente-croné, si bem que semos cri...a n an ça...crianças... (*Chorando.*) Mas, seu professô, eu não sou criança...Eu sou menino da escola, mas não sou criança...

O MESTRE-ESCOLA, *tomando-lhe o discurso.*

Vacês o que é sei eu... Dê cá isto, que eu memo leio !

SCENA XIV

O MESTRE-ESCOLA, CLORINDO, RAPAZES DA ESCOLA, RAYMUNDO, DONA MARIA.

RAYMUNDO, *entrando.*

Oh ! que ba...que ba... ba...talhão !

DONA MARIA, *ao Mestre-escola.*

Bons dias, senhor professor. (*Aparte.*) Este não serve... E' tão estúpido... (*Vae sentar-se no banco.*)

O MESTRE-ESCOLA.

Bons dia !

RAYMUNDO.

Então o que anda fazendo com a ra...pa...pa...paziada?

O MESTRE-ESCOLA.

Nós viemo felicitá o tenente-croné pela chegada do filho delle.

DONA MARIA.

Ah! são os seus discipulos?

O MESTRE-ESCOLA.

Sim, senhora; mas veio só os mais intelligente; os mais burro ficou.

DONA MARIA.

Aquelle barbado tambem é...?

O MESTRE-ESCOLA.

Tambem, sim, senhora.

DONA MARIA.

Credo! que ja tem idade para casar! Deve estar bem adiantado!

O MESTRE-ESCOLA.

Clorindo, chegue-se alli á senhora dona Maria e dê umas amostrinha de sua habilidade.

CLORINDO, *approxima-se de dona Maria e vae a sentar-se-lhe no collo.*

Sim, senhor.

DONA MARIA.

O que é isto!

RAYMUNDO.

Que...que...que tal?

O MESTRE-ESCOLA.

Desculpe elle...é costume...

DONA MARIA.

Pensando bem...que mal havia?

O MESTRE-ESCOLA, a *Clorindo*.

Vá !

CLORINDO, *declamando como na escola*.

«As arma e os barões assignalado,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegado
Passaram inda alem da Taporbona,
Em perigos e guerra esforçado,
Mais do que permittia as forças humanas,
Entre gente arremota edificarum
Novo reino que tanto assublimarum !»

DONA MARIA.

Muito bonito ! Esses versos foram escriptos pelo menino ?

RAYMUNDO.

Oh !

CLORINDO.

Não, senhora ! Quem me ensinou elles foi seu professô.

O MESTRE-ESCOLA.

São de Camãos, siá dona.

SCENA XV

O MESTRE-ESCOLA, CLORINDO, RAPAZES DA ESCOLA,
RAYMUNDO, DONA MARIA, O VIGARIO.

O VIGARIO, *entrando*.

Uff ! Deixei-os lá e raspei-me ! Nada, que o negocio cada vez mais se complica ! Fallam todos a um tempo ! Ora que o vigario tenha de ser ouvido e cheirado em quanta questão de familia appareça na freguezia ! Dona Francelina já teve

um faniquito... Dona Leonor dous... (*Vendo os circumstantes.*) Olé! por cá? O que é isto?... A que vem o regimento?

RAYMUNDO.

Uma fe... fe... fe... feli...

O VIGARIO.

Felicitação...

RAYMUNDO.

Ao te... te... te... nente co... co...

O VIGARIO.

Ao tenente-coronel...

O MESTRE-ESCOLA.

Pela arribação de seu Ferderico.

O VIGARIO.

Ah!

DONA MARIA, *que tem levado a fazer festas a Clorindo.*

Sim, senhor: disse muito bem os seus versinhos.

RAYMUNDO, *aparte.*

Versinhos, os... Lu... Lu... Lusia... a... das!...

O VIGARIO

Quem? este machacaz? (*Clorindo beija-lhe a mão.*) Isto é um idiota! Já diz versinhos, e a apostar em como não sabe a Ave-Maria de cór!

CLORINDO, *muito lampeiro.*

Sei, sim, senhô...

O VIGARIO.

Pois dize lá!

CLORINDO.

«Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdicta...bemdicta...

O MESTRE-ESCOLA.

Anda, burro !

CLORINDO, *continuando*.

«...sois vós, bemdicto é o fructo de vosso ventre, amen, Jesus. »

RAYMUNDO, *batendo palmas*.

Bra...vo ! bravo ! (*Clorindo vae para o seu logar.—A dona Maria.*) Não lhe...lhe pergunta si...si aquillo é fei...feito por...por elle ? (*Dona Maria sorri. Entra o Tenente-coronel.*)

SCENA XVI

O MESTRE-ESCOLA, RAYMUNDO, DONA MARIA, O VIGARIO, CLORINDO, OS RAPAZES DA ESCOLA, O TENENTE-CORONEL, *depois* PASSOS PEREIRA.

O TENENTE-CORONEL.

Ora graças, que está tudo liquido ! Apre ! Custou !

O VIGARIO

Ainda bem ! Chegaram-se todos ás boas, heim ?

O TENENTE-CORONEL.

Isto em 1840 era n'um apice ! Oh ! tempora !...

O MESTRE-ESCOLA, *que se tem approximado, lê com emphase o seu discurso*.

«Si bem que séjamos crianças...»

O TENENTE-CORONEL, *sem reparar.*

Houve um quiproquó...o Pinheirinho suppunha que o Passos Pereira...

O MESTRE-ESCOLA, *que tem mudado de posição, aos ouvidos do Tenente-coronel.*

«...sabemo comprehendê perfeitamente os sentimento paterná!»

O TENENTE-CORONEL, *que se tem assustado.*

O que é isto?

O MESTRE-ESCOLA, *continuando.*

«Todo aquelle cujo este não soubé comprehendê estas coisa não é home; porisso não podemo nos furtá ao prazê de vi comprimentá vossa senhoria, senhô tenente-croné, que neste dia vê restituído nos seus braço o filho que outr'ora concebeo; por isso acceite vossa senhoria, senhô tenente-croné...»

PASSOS PEREIRA, *saindo de casa a gritar.*

Ora até que afinal nós...

TODOS, *impondo-lhe silencio para não interromper a discurso.*

Psio!

Dona Maria chama para junto de si Passos Pereira, que obedece.

O MESTRE-ESCOLA, *sem perturbar-se.*

«...um ramo de fulô de cada um de nós por este dia.»
Musica na orchestra. Pequena desfilada dos rapazes, que, a um gesto do Mestre-escola, vão entregar, um a um, o seu ramilhete ao Tenente-coronel, que fica atrapalhado com tantas flores.

O TENENTE-CORONEL, *depois da desfilada.*

Agrade, o commovido esta manifestação, e convido-os para almoçarem todos comigo. (*Gritando para casa.*) Prepara o almoço para mais...uma...duas...tres...etc. (*Conta quantos são os meninos e diz: «para tantas pessoas,»—depois retoma a attitude de orador.*) Ficaré gravado eternamente em meu coração este discurso onde, immerecidamente, sou mais honrado que a lingua nacional.

RAYMUNDO.

A...po...poiado!

O MESTRE-ESCOLA, *aparte.*

Não entendi este final. (*O Tenente-coronel dá um ramilhete a dona Maria, e entrega os outros a um negro, que os leva para a casa.*)

DONA MARIA, *continuando uma conversa com Passos Pereira, a quem dá uma flôr do ramilhete.*

Mas porque não se quer casar?

PASSOS PEREIRA, *pregando a flôr n'uma casa do casaco.*

Eu, minha senhora? Por uma razão muito simples...

DONA MARIA.

Qual?

PASSOS PEREIRA.

Porque sou casado!

DONA MARIA, *erguendo-se e deixando cahir o ramilhete.*

Pois é casado?

PASSOS PEREIRA.

Duas vezes, minha senhora.

DONA MARIA, *passando á esquerda.*

Ah!—Aqui o senhor tenente-coronel enviuvou e... (*Pas-
sos Pereira dá o ramilhte ao Mestre-escola. O ramilhete
anda de mão em mão até voltar, a seu tempo, ás de dona
Maria.*)

O TENENTE-CORONEL.

E não me quíz casar... Para cuidados basta os que já
tenho! A senhora sim, é que deve casar... não está muito
velha...

DONA MARIA.

E tenho vontade, senhor tenente-coronel; confesso: te-
nho muita vontade!

O TENENTE-CORONEL.

E depois... tem um dote!

RAYMUNDO.

Heim?

DONA MARIA, *desdenhosamente.*

Quarenta apolices da divida publica...

O TENENTE-CORONEL, *frisando.*

Uma casa assobradada na villa...

RAYMUNDO.

Heim?

DONA MARIA.

Afóra o que ainda póde vir de minha irman das Laran-
geiras!

O VIGARIO, *notando a alegria de Raymundo.*

Olhe... aqui o senhor Raymundo é que... Não toca
violão... Toca?

RAYMUNDO.

Não se...senhor.

O VIGARIO.

Não toca violão, mas é um excelente moço. Casem-se.

DONA MARIA.

O que? Pois...?

RAYMUNDO, *dando á dona Maria o ramilhete que lhe tem chegado as mãos, já escangalhado.*

Con... con...consente ?

DONA MARIA.

Mundico ! (*Desmaia nos braços do Vigario que a quer passar ao Tenente-coronel.*)

O TENENTE-CORONEL, *esquivando-se.*

Está muito bem nos braços da Igreja !

O VIGARIO, *passando dona Maria ao Mestre-escola, e baixo a Raymundo.*

Case-se e metta-se na politica ; mas não vá com os conservadores.

O MESTRE-ESCOLA, *passando dona Maria a Passos Pereira.*

Pesa como um peccado. (*Passos Pereira atira-a nos braços do Tenente-Coronel.*)

O TENENTE-CORONEL, *passando-a a Raymundo.*

Tome, que isto é seu. (*Aparte.*) Está livre de uma penhora !

DONA MARIA, *tornando a si.*

Onde estou ?

RAYMUNDO.

Nos...nos...nos meus braços.

DONA MARIA, *limpando a cara com o ramilhete, pensando que é um lenço.*

Não é um sonho, Mundico?...

RAYMUNDO, *limpando-a com o seu lenço.*

Não... não...

SCENA XVII

O MESTRE-ESCOLA, RAYMUNDO, DONA MARIA, O VIGARIO, OS RAPAZES DA ESCOLA, O TENENTE-CORONEL, PASSOS PEREIRA, FREDERICO, *de braço dado a* LEONOR, O DOUTOR PINHEIRO, *de braço dado a* FRANCELINA, *depois* OS NEGROS.

O VIGARIO.

Ah ! aqui estão os namorados ! mas... expliquem-me !

FREDERICO.

Muito facilmente: eu tinha promettido casamento a Leonor...

LEONOR.

E eu a Frederico.

O DOUTOR.

E eu á dona Francelina.

FRANCELINA.

E eu ao doutor Pinheiro.

FREDERICO.

Mas vi Francelina...

LEONOR.

Mas vi o doutor Pinheirinho...

O DOUTOR.

Mas vi dona Leonor...

FRANCELINA.

Mas vi seu Frederico...

OS QUATRO, *ao mesmo tempo, dando uma volta.*

E virei!

(O Tenente-coronel dá ordens a um negro que se retira.)

PASSOS PEREIRA.

Acharam-se junctos...

O TENENTE-CORONEL, *voltando.*

Envergonharam-se.

FREDERICO.

Eu julguei que Leonor estivesse resentida...

LEONOR.

Eu que Frederico me recriminasse...

O DOUTOR.

Eu que o senhor Passos Pereira vinha buscar o cumprimento da minha promessa.

FRANCELINA.

Eu que o doutor Pinheiro me tivesse atravessada na garganta...

OS QUATRO.

E embatuquei !

O TENENTE-CORONEL.

Mas perceberam agora que o desvio de suas promessas... era um deslumbramento ; que o amor verdadeiro tem obrigação de ser eterno, como diz o padre Vieira, e casam-se : Leonor com Frederico e dona Francelina com o doutor Pinheiro... Reviraram. (*Dão todos uma volta.*)

OS NOIVOS, *abraçando-se.*

Com muito prazer.

O MESTRE-ESCOLA.

Não entendo...

O VIGARIO.

Tambem não é preciso... Os tres casamentos far-se-ão no mesmo dia...

FREDERICO.

Tres ! Qual é o outro ?

RAYMUNDO, *apresentando dona Maria.*

O nos...o nosso.

DONA MARIA.

Eu e Mundico. (*Abraços, apertos de mão, parabens, etc.*)

O VIGARIO.

Tres casamentos, noventa mil réis.

DONA MARIA.

Vou escrever á minha irman das Larangeiras. (*Volta o negro, trazendo um violão que entrega ao Vigario e uma rabeça que entrega ao Mestre-escola.*)

O TENENTE-CORONEL.

Vamos a um cateretê ?

Os rapazes da escola fazem uma roda. Entram os negros e fazem outra roda. O Mestre-escola trepa no banco para tocar rabeca. O Vigario ao lado, com uma perna sobre o banco, toca violão. Os outros personagens formam uma nova roda no proscenio.

FINAL

CÔRO GERAL.

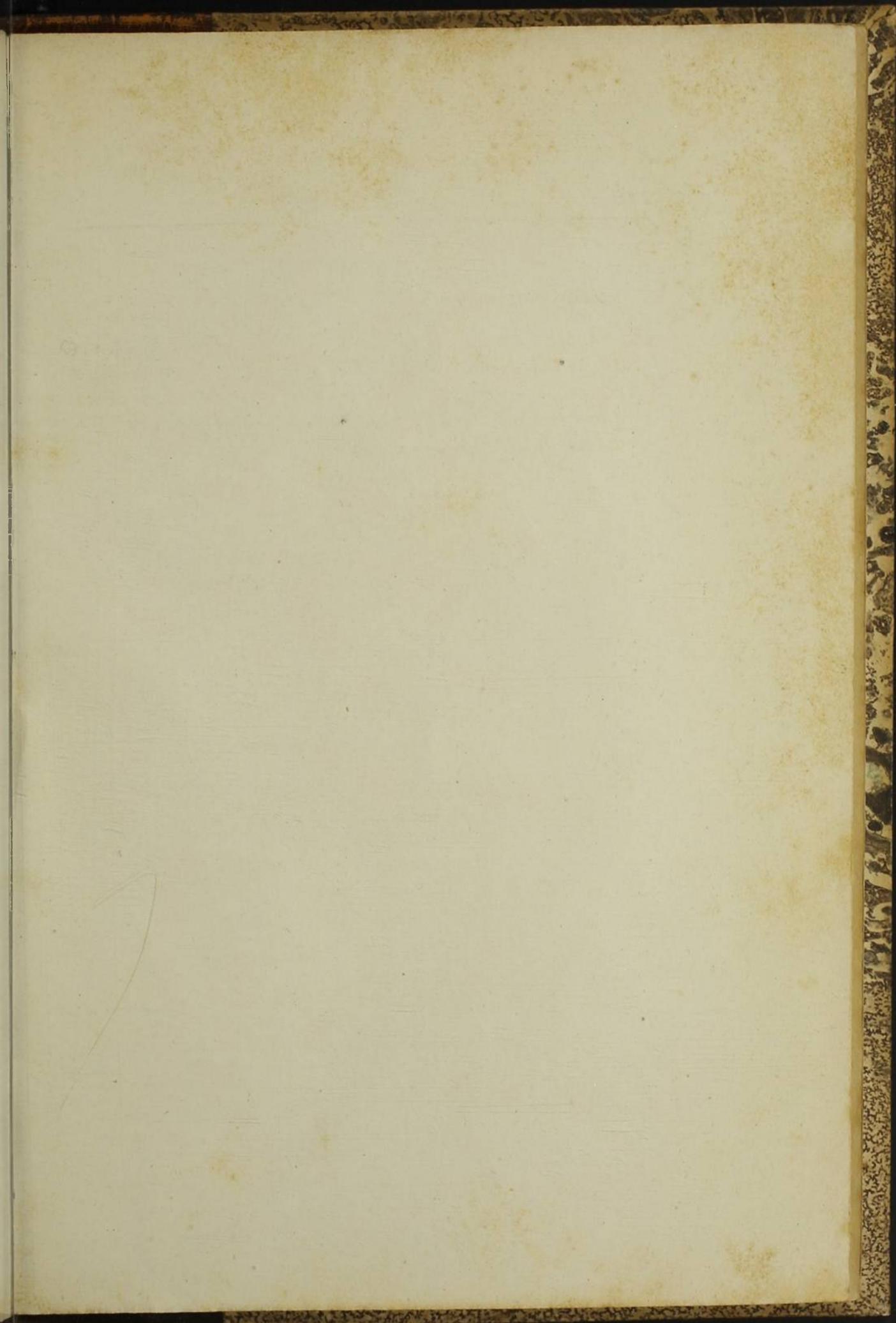
Quem tem coqueiros tem cocos,
 Quem tem cocos tem coquinhos,
 Quem tem amores tem zelos,
 Quem tem zelos tem carinhos.

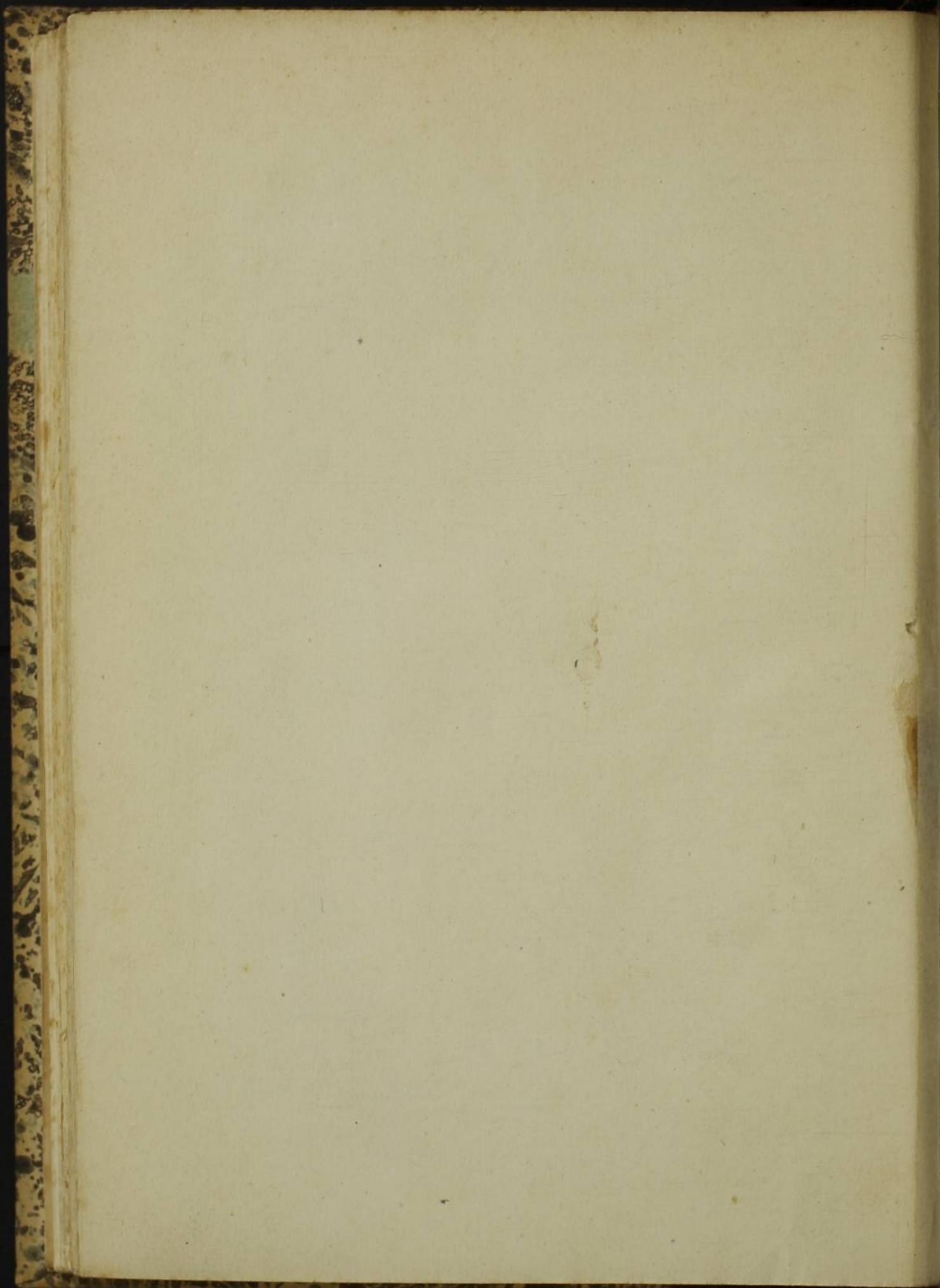
Ai, amor,
 Tens mais perfume
 Do que uma flôr !

LEONOR, *vindo ao proscenio, ao publico.*

Vou lhes dizer um segredo
 Que não devem divulgar.
 Si não gostaram da peça,
 Um conselho hão de acceitar :
 Saltem ligeiros,
 Saltem pr'a cá ;
 Entrem na dansa !
 Então ? Vá lá !
 Pois que não deixa
 De ter seu quê
 Um requebrado
 Cateretê !

Dansado caracteristico, executado por quantos estão em scena.— Cae o panno.





Typographia e Lithographia
LEALDADE

3, Largo da Carioca, 3

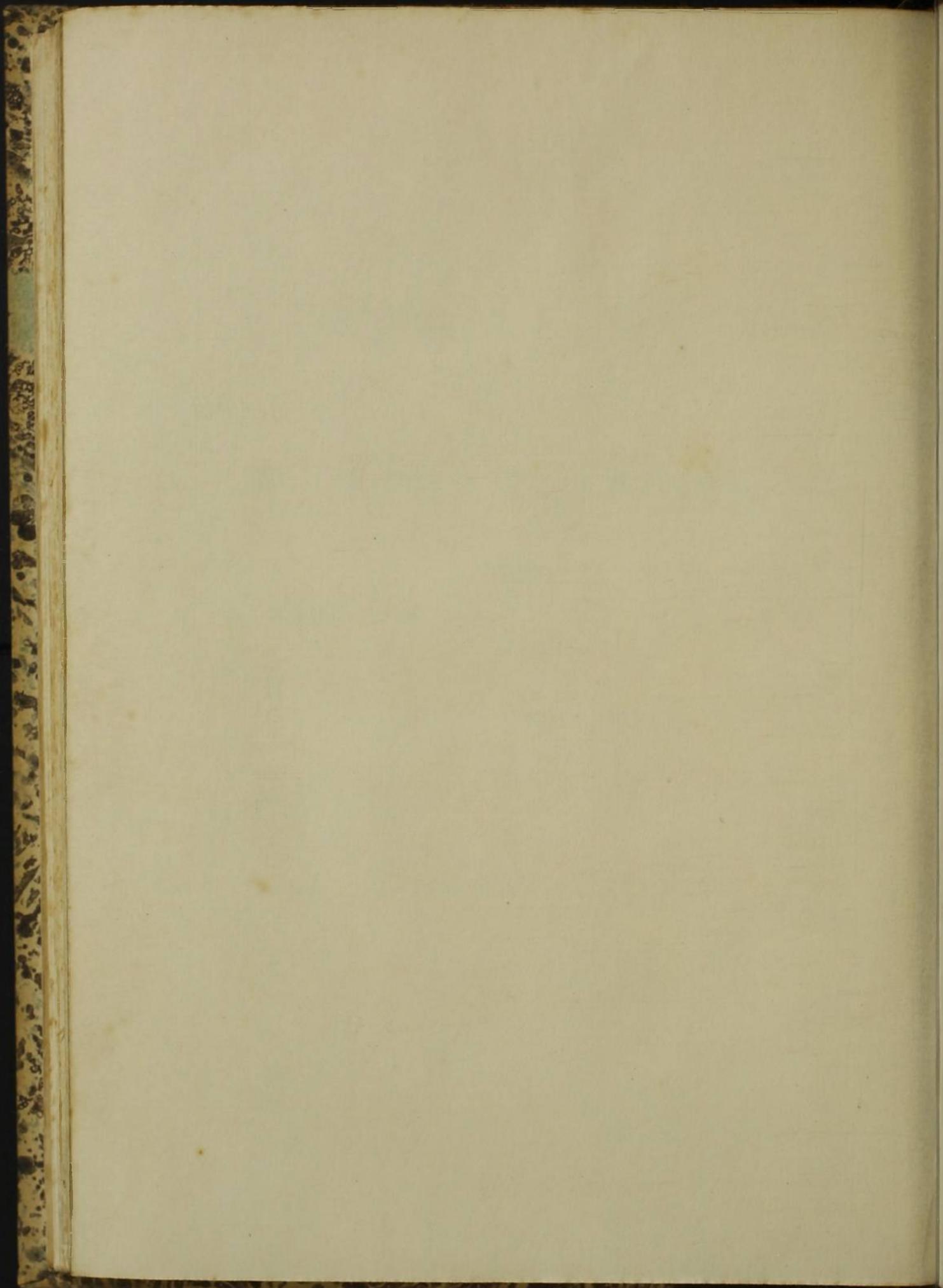
Este bem montado estabelecimento
encarrega-se de todos os trabalhos por mais difficeis
que sejam.

PREÇOS OS MAIS MODERADOS.

MOLARINHO & MONT'ALVERNE.

3, Largo da Carioca, 3

RIO DE JANEIRO.



18257

